



LISBON
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT
UNIVERSIDADE DE LISBOA

MESTRADO

**ECONOMIA E GESTÃO DA CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO**

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO

**IMPACTO DA PARTICIPAÇÃO EM CONCURSOS DE
EMPREENDEDORISMO: CASO POLIEMPREENDE**

SARA CRISTINA CALDEIRA MATOS SIRGADO

OUTUBRO - 2019



LISBON
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT
UNIVERSIDADE DE LISBOA

MESTRADO

**ECONOMIA E GESTÃO DA CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO**

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO

**IMPACTO DA PARTICIPAÇÃO EM CONCURSOS DE
EMPREENDEDORISMO: CASO POLIEMPREENDE**

SARA CRISTINA CALDEIRA MATOS SIRGADO

ORIENTAÇÃO:

**PROFESSOR DOUTOR NUNO FERNANDES CRESPO
PROFESSORA DOUTORA SARA PROENÇA**

OUTUBRO - 2019

AGRADECIMENTOS

Uma viagem destas, como a que me propus, não seria exequível sem a guia de pilotos de excelência.

Assim, começo por agradecer ao Professor Doutor Nuno Fernandes Crespo e à Professora Doutora Sara Proença por toda a ajuda, orientação, dedicação, empenho e preocupação ao longo destes meses de trabalho em equipa. Além de todo o suporte académico, os meus orientadores deram-me algo ainda mais especial: motivação e amizade. O meu maior agradecimento vai para eles, que fizeram com que este trabalho fosse possível.

A toda a família Poliemprende, organizadores e participantes, que deram o contributo mais precioso de todos: a sua experiência.

À ANI – Agência Nacional de Inovação, a toda a administração e colaboradores, que me deram a flexibilidade, compreensão e suporte necessário à realização deste trabalho.

Às minhas amigas e irmãs de coração Rita e Patrícia. Porque me ensinaram o que é amizade verdadeira e são o tesouro que eu mais bem guardo. Porque me apoiam em todo e qualquer momento da minha vida.

À minha mãe, ao meu pai e à minha irmã que me encheram a vida de amor, me deram todos os valores, força infinita e sempre lutaram para que eu pudesse sonhar alto. Aos meus avós, que me protegem e guardam do lugar onde eles estão. E ao Afonso, nascido a 18 de setembro, contemporâneo desta própria dissertação. Que a vida te sorria para sempre, meu querido sobrinho e afilhado!

Por fim, à pessoa mais especial e carinhosa do mundo. Para ti as palavras viram ações. João, esta é para ti!

ABSTRACT

Entrepreneurship contests increased across Europe due to the Lisbon Strategy guidelines, where the importance of education for entrepreneurship for the economic development of the countries was highlighted. In the last decade, these contests suffered an exponential increase. Recent studies in this topic are focused in the creation of new companies. However, a more profound study is needed to know the advantages and impacts on the participant's side view.

This research will address the lack of studies in this area, contributing to a better understanding of the benefits gained through the participation in the entrepreneurship contests, such as developing entrepreneurial skills, increasing knowledge, inspiration, and access to resources. The goals of this investigation are i) develop a framework within the impacts of the entrepreneurship contests; ii) identify the importance of the individual entrepreneurship orientation, nascent entrepreneurship, the components and the phase of the contest in the framework of benefits acquisition; iii) understand which benefits are perceived by the entrepreneurs. The different alternatives were tested with the collected data from a questionnaire made to Poliempreende participants.

The results provided an empirical support to the relationship between the individual entrepreneur orientation and the contest components (including capacitation sessions and workshops) with the development of entrepreneur skills. This way, it will be possible to increase knowledge, inspiration and access to resources. Additionally, a relationship was found between the phase and access to resources. It was equally found empirical support to the relationship between the individual entrepreneur orientation and the phase with the nascent entrepreneurship.

Keywords: Entrepreneurship Contest; Poliempreende; Entrepreneurship skills; Individual Impacts; Nascent Entrepreneurship.

RESUMO

Os concursos de empreendedorismo expandiram-se na Europa a partir da Estratégia de Lisboa, onde foi realçada a importância da educação em empreendedorismo para o desenvolvimento económico dos países. Na última década, estes concursos evoluíram exponencialmente. Estudos recentes analisam sobretudo o impacto destes concursos a nível da criação de empresas. Contudo, é necessário o estudo mais aprofundado dos benefícios percebidos pelo participante.

Esta investigação vem colmatar a falta de estudos nesta área, contribuindo para uma melhor compreensão dos benefícios resultantes da participação em concursos de empreendedorismo e no desenvolvimento de competências empreendedoras, aumento de conhecimentos, aumento da inspiração e, por fim, acesso a recursos. Assim, os principais objetivos são i) desenvolver um quadro concetual no âmbito dos impactos dos concursos de empreendedorismo; ii) identificar a importância da orientação empreendedora individual, empreendedorismo nascente, dos componentes e da fase de concurso no contexto da aquisição de benefícios; iii) compreender quais os benefícios percebidos pelos empreendedores. As hipóteses foram testadas através de dados recolhidos por questionário aos participantes do Poliempreende.

Os resultados forneceram suporte empírico para as relações entre a orientação empreendedora individual e as componentes do concurso (por exemplo, sessões de capacitação e *workshops*) com o desenvolvimento de competências empreendedoras para, posteriormente, potenciar o aumento de conhecimentos, o aumento da inspiração e o acesso a recursos. Adicionalmente, foi encontrada a relação entre a fase de participação e o acesso a recursos. Foi igualmente encontrado suporte empírico para a relação entre a orientação empreendedora individual e a fase de concurso com o empreendedorismo nascente.

Palavras-Chave: Concursos de Empreendedorismo; Poliempreende; Competências empreendedoras; Impactos individuais; Empreendedorismo nascente.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	I
ABSTRACT.....	II
RESUMO.....	III
ÍNDICE	IV
LISTA DE FIGURAS.....	V
LISTA DE TABELAS.....	VI
LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS.....	VI
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	3
2.1 Empreendedorismo.....	3
2.1.1 <i>Orientação Empreendedora Individual.....</i>	4
2.1.2 <i>Empreendedorismo Nascente.....</i>	5
2.2 Educação para o Empreendedorismo no Ensino Superior.....	6
2.3 Políticas e Programas de Empreendedorismo e Educação para o Empreendedorismo..	7
2.3.1 <i>No mundo.....</i>	7
2.3.2 <i>Na Europa.....</i>	7
2.3.3 <i>Em Portugal.....</i>	8
2.3.4 <i>Nas Instituições do Ensino Superior.....</i>	9
2.4 Concursos de empreendedorismo.....	9
2.4.1 <i>Onde surgiram.....</i>	9
2.4.2 <i>Objetivos dos concursos.....</i>	10
2.4.3 <i>Atividades dos concursos.....</i>	10
2.4.4 <i>Concursos de empreendedorismo em Portugal.....</i>	11
2.4.5 <i>Poliempreende.....</i>	11
2.5 Benefícios dos concursos de empreendedorismo.....	12
2.5.1 <i>Desenvolvimento de competências empreendedoras.....</i>	13
2.5.2 <i>Aumento do conhecimento.....</i>	14
2.5.3 <i>Aumento da inspiração.....</i>	14
2.5.4 <i>Acesso a recursos.....</i>	14
3. MODELO CONCEPTUAL E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO.....	15
3.1 Desenvolvimento do modelo.....	15
3.2 Hipóteses de investigação.....	16
4. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	19
4.1 Seleção da amostra do estudo.....	20
4.2 Design do questionário e variáveis.....	20
4.3 Envio do questionário e Follow Ups.....	21
4.4 Métodos para Análise de Dados.....	21

5.	ANÁLISE DE RESULTADOS.....	22
5.1	<i>Caracterização da Amostra.....</i>	22
5.1.1	<i>Caracterização dos Respondentes.....</i>	22
5.1.2	<i>Caracterização da Participação no Poliempreende.....</i>	24
5.2	<i>Rastreo Inicial dos dados.....</i>	25
5.2.1	<i>Non-response Bias.....</i>	25
5.2.2	<i>Common-method Bias.....</i>	25
5.3	<i>Modelo de Medida.....</i>	26
5.3.1	<i>Validade convergente.....</i>	26
5.3.2	<i>Validade discriminante.....</i>	26
5.3.3	<i>Fiabilidade.....</i>	26
5.3.4	<i>Ajusre geral do modelo de medida</i>	27
5.4	<i>Ajustamento do Modelo Estrutural.....</i>	28
5.5	<i>Resultados.....</i>	28
6.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	30
7.	CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E FUTURAS INVESTIGAÇÕES.....	33
7.1	<i>Conclusões principais.....</i>	33
7.2	<i>Implicações teóricas.....</i>	34
7.3	<i>Implicações práticas.....</i>	35
7.4	<i>Limitações e Investigação Futura.....</i>	36
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
	ANEXOS.....	46
	<i>Anexo 1: Questionário.....</i>	46
	<i>Anexo 2: Convite de Participação no Questionário.....</i>	52
	<i>Anexo 3: Primeiro Follow-up do Questionário.....</i>	52
	<i>Anexo 4: Segundo Follow-up do Questionário.....</i>	53
	<i>Anexo 5: Último Pedido para preenchimento do Questionário.....</i>	53
	<i>Anexo 6: Tabela V - Validade Convergente.....</i>	54
	<i>Anexo 7: Tabela VI – Loadings dos itens.....</i>	54
	<i>Anexo 8: Tabela VII - Validade Discriminante.....</i>	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo concetual.	15
Figura 2 - Idades dos respondentes.....	23
Figura 3 - Nível educacional dos respondentes.	23
Figura 4 - Área de educação e formação dos respondentes.....	23
Figura 5 - Anos de experiência no: trabalho de vida ativa; gestão/coordenação de negócios; como dono/sócio de empresas dos respondentes.	24
Figura 6 - Representação das Instituições do Ensino Superior na amostra.....	25
Figura 7 - Modelo Concetual.....	28

LISTA DE TABELAS

Tabela I - Síntese dos benefícios da participação em CcE e autores que os estudaram..	13
Tabela II - Ajuste Geral do Modelo de Medida	28
Tabela III- Ajuste Geral do Modelo Estrutural.....	28
Tabela IV- Resultados do Modelo Estrutural	30
Tabela V – Validade Convergente.....	54
Tabela VI – <i>Loadings</i> dos itens.....	54
Tabela VII – Validade Discriminante.....	56

LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

- AC – Aumento do Conhecimento;
- AI – Aumento da Inspiração;
- AR – Acesso a Recursos;
- CE – Comissão Europeia;
- CcE – Concursos de empreendedorismo;
- CpE – Competências Empreendedoras;
- CNEI - Conselho Nacional para o Empreendedorismo e a Inovação;
- EE – Educação para o Empreendedorismo;
- EN – Empreendedorismo Nascente;
- IES - Instituições de Ensino Superior;
- IP – Instituto Politécnico;
- OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico;
- OE – Orientação Empreendedora
- OEI – Orientação Empreendedora Individual;
- PIN – Poli Entrepreneurship Innovation Network;
- SNI – Sistema Nacional de Inovação;
- UE - União Europeia;
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura;
- +E +I - Programa Estratégico para o Empreendedorismo e Inovação.

1. INTRODUÇÃO

Em março de 2000 o Conselho Europeu apresenta um plano de desenvolvimento económico conhecido como Estratégia de Lisboa, onde é estabelecido um compromisso com o empreendedorismo com o objetivo de tornar a Europa líder em inovação até 2020, através do estímulo ao crescimento económico (Thomas et al., 2014). A necessidade desta Estratégia pode ser explicada face aos desafios lançados pela introdução de novas tecnologias, pela globalização da economia e pelo aumento da competitividade internacional, aumentando a exigência para os trabalhadores (Korhonen et al., 2012). Isto repercute-se num desafio aos contextos formativos, nomeadamente no que respeita à determinação de um quadro de competências que permita que os indivíduos possuam uma maior adaptabilidade à realidade incerta e imprevisível que caracteriza o mercado de trabalho (Schoon et al., 2012).

Assim, em Portugal e no mundo, o empreendedorismo foi ganhando destaque nas agendas políticas e académicas, com especial destaque para as Instituições de Ensino Superior (IES), que se tornaram um dos pilares essenciais para a criação de conhecimento e para a conversão do mesmo em valor económico, contribuindo para a criação de emprego qualificado e de novas empresas (Valente & Costa, 2018). Entre as ferramentas preconizadas para atingir este fim, destacam-se os concursos de empreendedorismo (CcE), que em geral incluem uma componente de educação para o empreendedorismo (EE) (Thomas et al., 2014). Os objetivos dos concursos compreendem a promoção do empreendedorismo, o desenvolvimento de diversas competências nos participantes tais como a criatividade e o espírito de iniciativa, descobrir e apoiar novas ideias de negócios, criar novas empresas de elevado valor acrescentado e criar uma cultura empreendedora (Russell et al., 2004a; Ross, 2012). Os vencedores podem obter financiamento, incubação e outros recursos para alavancar os seus projetos, bem como serviços de aconselhamento profissional e de suporte (Ross, 2012).

A literatura existente sobre CcE foca-se no impacto da diversidade das equipas (Foo, 2010), no seu valor no contexto da EE (Russell et al., 2008), na criação de *spin-offs* (Fini et al., 2009; Cooper et al., 2012), no impacto do conteúdo e número de programas (Cooper et al., 2004), na avaliação dos programas de EE (Fayolle et al., 2006; CE, 2013a), nos resultados da aprendizagem (Draycott et al., 2011; Pittaway & Edwards, 2012) e na criação de negócios (Paiva et al., 2019; Paiva et al., 2018). Segundo Ross & Byrd (2010), existem poucos trabalhos

académicos sobre os objetivos, características e resultados dos concursos. Schwartz et al. (2013) apontam algumas questões de investigação importantes, como por exemplo: perceber se os CcE cumprem as expectativas dos participantes ou em que aspetos as expectativas dos organizadores e dos participantes divergem. Para estes autores, o resultado seria uma evidência empírica que poderia servir como ponto de partida valioso para aumentar a eficácia destes concursos. Assim, foi detetada a necessidade e a mais valia da análise dos benefícios efetivos para os participantes dos concursos de empreendedorismo. Esta análise é vantajosa, tanto para os organizadores de concursos, como para futuros participantes.

A literatura mais relevante para este estudo foca-se em trabalhos de Soutaris et al. (2007), Russell et al. (2004a; 2004b; 2008), Qureshi et al. (2016), Bell (2010), Thomas et al. (2014) e Carvalho (2009). Estes trabalhos têm uma mensagem similar: os benefícios que os participantes obtêm vão muito além da criação de empresas. Identificam como benefícios o desenvolvimento das competências empreendedoras (CpE), o aumento do conhecimento (AC), o aumento da inspiração (AI) e o acesso a recursos (AR).

Esta dissertação tem como objetivo identificar e avaliar quais os benefícios da participação em concursos de empreendedorismo com uma componente educacional, na ótica dos participantes. Na prossecução deste objetivo, são criadas e exploradas relações entre a Orientação Empreendedora Individual (OEI), o Empreendedorismo Nascente (EN), as componentes e fase de participação e os benefícios já indicados acima. As conclusões desta investigação poderão ter uma aplicação a nível da organização e planeamento dos CcE, adequando os programas e atividades de acordo com aquilo que é mais valorizado pelos participantes e pelo que gera mais benefícios para os mesmos.

Este trabalho está dividido em sete capítulos. No presente capítulo apresenta-se o âmbito da investigação, a sua importância e os seus objetivos. De seguida, no segundo capítulo, apresenta-se a revisão de literatura, havendo um enquadramento do tema de acordo com a respetiva fundamentação teórica. No terceiro capítulo, apresenta-se o modelo concetual e as hipóteses de investigação. O quarto capítulo diz respeito à metodologia de investigação, onde se descreve o processo de seleção da amostra, a construção do questionário, a identificação das variáveis do modelo e o método utilizado de recolha dos dados quantitativos. No quinto capítulo é feita uma análise dos resultados, seguida do sexto capítulo com a discussão dos

resultados. Por fim, no sétimo capítulo, são apresentadas as conclusões, limitações do estudo e propostas para estudos futuros.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 *Empreendedorismo*

Etimologicamente, a palavra empreendedorismo deriva do francês “entre” e “prende”, termos que significam “estar no mercado entre o fornecedor e o consumidor” (Sarkar, 2010, p.26). Enquanto para uns autores este conceito remonta ao surgimento da raça humana (Salim & Silva, 2010), para outros o seu estudo só se efetivou a partir dos séculos XVII e XVIII (Mars & Rios-Aguilar, 2010). Atualmente, este é um conceito amplamente disseminado na literatura, no entanto, a sua análise aprofundada revela que o conceito continua em construção (Kuratko, 2005). A inexistência de uma noção universal relaciona-se com a história da evolução do conceito, que vai muito além da sua área tradicional de emergência, a económica (Fontes, 2016).

Um dos primeiros autores de referência nesta área foi Jean-Baptiste Say que, no início do século XIX, usou o termo “empreendedor” para identificar o indivíduo que transfere recursos económicos de um setor de baixa produtividade para um setor de produtividade mais elevada (Dantas, 2008). Em 1848, Mill acrescenta a este conceito a noção de risco e incerteza, na sua obra “Principles of Political Economy” (Fontes, 2016). Já no século XX, Schumpeter (1939) através da sua obra “Teoria do Desenvolvimento Económico”, associa os empreendedores à introdução de novos métodos de produção, novos produtos, atuação em novos mercados, novas fontes de oferta de materiais e criação de novas empresas. Em 1942, o mesmo autor alia a ação do empreendedor a uma “destruição criativa” (Schumpeter, 1942). Segundo Vestergaard et al. (2012), empreendedorismo é o processo de agir sobre as oportunidades e ideias, transformando-as em valor para os outros. Este valor pode ser financeiro, cultural ou social.

A popularização do empreendedorismo é justificada pelas características da sociedade moderna, nomeadamente, pela instabilidade e imprevisibilidade no mercado de trabalho, acentuada pelas transformações tecnológicas, pela reorganização do tecido empresarial e da globalização e pela interdependência e competitividade das economias (Fontes, 2016). Assim, o empreendedorismo encontra-se no centro da política económica e industrial devido ao seu contributo para a criação de uma cultura empresarial dinâmica, onde as empresas pretendem

prosperar na cadeia de valor e num ambiente económico global, tanto no caso de empresas já existentes como na criação de novos negócios ou iniciativas (GEM, 2010).

2.1.1 *Orientação Empreendedora Individual*

O conceito da Orientação Empreendedora (OE) surgiu com Miller (1983) e foi, posteriormente, aprofundado por Covin & Slevin (1989; 1991). Este conceito foi inicialmente aplicado a empresas, de modo a que a OE é frequentemente empregue como uma variável que engloba tendências de gestão, filosofias e práticas de tomada de decisão de natureza empreendedora (Anderson & Eshima, 2013). De acordo com Rauch et al. (2009), a OE reflete uma postura que consiste em crenças e valores enraizados, associados a uma tendência de ser simultaneamente pró-ativo, propenso a riscos e à inovação. Corroborando esta visão, Hansen et al. (2011) completa, dizendo que “comportamentos inovadores nascem da tendência de ter novas experiências, apoiar novas ideias e do afastamento de práticas já estabelecidas; comportamentos pró-ativos refletem uma propensão para agir agressivamente com empresas rivais na procura de oportunidades de negócios favoráveis; e comportamentos de risco resultam da vontade de investir em projetos que têm resultados incertos ou lucros e perdas extraordinariamente altas” (Hansen et al., 2011, p. 62).

No entanto, uma vez que as empresas são constituídas por pessoas torna-se relevante avaliar a Orientação Empreendedora Individual (OEI) dos empreendedores ou gestores que desenvolvem ou gerem as empresas. Segundo Avlonitis & Salavou (2007) e Lumpkin & Dess (1996), quando se analisam CcE, torna-se fulcral entender a OEI. Esta refere-se a métodos, práticas e estilo de tomada de decisão usadas em iniciativas pró-ativas e agressivas para agir de forma empreendedora (Lumpkin & Dess, 1996). No entanto, verificou-se uma escassez de investigações teóricas e empíricas sobre a OEI (Dickson & Weaver, 2008; Robinson & Stubberud, 2014) e a necessidade de aprofundamento desta matéria, uma vez que as escolhas estratégicas de uma organização e os resultados subsequentes são reflexos dos valores e bases cognitivas dos gestores e dirigentes que a integram (Hambrick & Mason 1984; Dickson & Weaver, 2008). Este estudo baseou-se na investigação de Bolton & Lane (2012) que recorreu às dimensões de Miller (1983) para a OE, entre elas, inovação, pró-atividade e tomada de risco.

2.1.2 *Empreendedorismo Nascente*

O termo empreendedorismo nascente (EN) associa-se a um indivíduo que inicia atividades cuja intenção é a criação de um negócio (Aldrich, 1999). O conceito foi evoluindo e Frank (2003) completa-o dizendo que o EN consiste num processo em forma de cadeia seletiva de decisões que começa com a comunicação da intenção de criar um negócio e culmina com a abertura de uma empresa. Por sua vez, o GEM (2010) classifica um indivíduo como empreendedor nascente se, sozinho ou em grupo, estiver nos últimos 12 meses ativamente empenhado em começar um novo negócio, que pelo menos em parte lhe pertencerá. Estes indivíduos estão numa fase em que começam a procurar um local, a organizar uma equipa, a desenvolver uma estratégia de negócios e/ou a procurar capital financeiro. Além de não pagarem salários a funcionários, estes indivíduos não trocam produtos ou serviços com clientes. Nesta fase, não está ainda definido se eles vão, de facto, iniciar a sua própria empresa (Reynolds et al., 2004). Thurik et al. (2002) fornecem uma análise detalhada das condições que influenciam o EN, argumentando que a tecnologia, o nível de desenvolvimento económico, a cultura e as instituições influenciam a procura pelo empreendedorismo, criando oportunidades para novas empresas. Além disso, sugerem que as condições culturais e institucionais têm um impacto também na oferta de empreendedorismo, devido à sua capacidade de influenciar as competências, recursos e preferências dos indivíduos da população.

Segundo Reynolds (2000) o processo do EN é dividido em quatro estágios: a conceção, a gestação, a infância e a adolescência. Quando se fala em CcE, o primeiro estágio é o mais interessante uma vez que os empreendedores nascentes começam a dedicar tempo e recursos para fundar uma empresa nova e independente (Kessler et al., 2012). Reynolds et al. (2003) encontraram evidências empíricas que mostram que indivíduos entre 25 e 34 anos são os mais propensos a serem empreendedores nascentes. Além disso, Blanchflower (2004) sugere que, embora a probabilidade de ser empreendedor seja maior entre indivíduos mais velhos, a probabilidade de ser um empreendedor nascente é maximizada entre os jovens. Estes dados são interessantes nesta investigação, uma vez que se retrata empreendedorismo no meio académico.

2.2 Educação para o Empreendedorismo no Ensino Superior

A União Europeia reconhece “o espírito de iniciativa e empreendedorismo” como uma das oito competências-chave para a aprendizagem ao longo da vida, considerando-o essencial para os membros de uma sociedade baseada no conhecimento (CE, 2015). O empreendedorismo e o desenvolvimento de competências empreendedoras (CpE) são assumidos como tarefas primordiais a desenvolver, usando como meio a EE, de acordo com diretivas de instituições sociais e políticas (CE, 2013b; OCDE, 2009).

As razões para a promoção da EE prendem-se com o entendimento do empreendedorismo como catalisador do crescimento económico e da criação de emprego (Lachéus & Middleton, 2015), além de responder ao desafio do mundo cada vez mais globalizado, incerto e complexo (Gibb, 2002) e com a necessidade de criar respostas diferenciadoras aos desafios sociais (Rae, 2012). Fontes (2016) analisou vários estudos relativos à natureza da EE, apontando que esta é destinada a: “a) treinar e qualificar mais empreendedores; b) desenvolver nos alunos competências que possam ser usadas em vários contextos de vida ao nível do desenvolvimento pessoal, social e de carreira dos mesmos; c) direccionar-se para a inovação e para uma compreensão dinâmica e criativa de outras áreas temáticas” (Fontes, 2016, p. 71). Depreende-se assim que o empreendedorismo é encarado como um conjunto de competências transversais, passíveis de serem ensinadas e aprendidas (Fontes, 2016). No entanto, a literatura não se demonstra consensual em relação aos seus objetivos e produtos, tal como tentou demonstrar Mwasalwiba (2010) que analisou 108 artigos relativos à EE. Mwasalwiba (2010) detetou que a maior parte dos autores analisados identificam como principal objetivo a criação ou incremento de atitudes, espírito e cultura empreendedoras junto de indivíduos ou da comunidade; outros conectam a EE com a criação de empresas, negócios ou emprego e, numa menor percentagem, é identificado o desenvolvimento de competências empreendedoras nos indivíduos.

Por fim, é necessário realçar a ideia de que o ensino deve introduzir modelos de aprendizagem baseados na experiência prática e deve definir os resultados da aprendizagem para possibilitar a utilização de metodologias eficazes para o ensino do empreendedorismo (CE, 2013b).

2.3 Políticas e Programas de Empreendedorismo e Educação para o Empreendedorismo

2.3.1 No mundo

A nível mundial, o empreendedorismo e a EE lideram um fenómeno político através da ação coordenada de vários decisores políticos, incluindo organizações como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e a Comissão Europeia (CE) (CE, 2004, 2006, 2008, 2012, 2013s, 2013b; OCDE, 2004, 2009, 2015; UNESCO, 2006).

A OCDE tem produzido diversos documentos onde indica que a educação é uma dimensão fundamental para o desenvolvimento da cultura empreendedora. Isto é explícito no relatório *“Promoting Entrepreneurship and Innovative SMEs in a Global Economy”*, cujo objetivo é desenvolver essa cultura através de instrumentos como a educação e a formação em empreendedorismo para incentivar um comportamento empreendedor nas sociedades (OCDE, 2004, p. 10-11). Além deste, existem vários relatórios que identificam e recomendam procedimentos ao nível da avaliação da eficácia dos programas de intervenção na área da EE e das competências chave a fomentar (OCDE, 2009, 2015).

2.3.2 Na Europa

Em março de 2000, a CE definiu o plano de desenvolvimento que atualmente conhecemos por Estratégia de Lisboa. Neste, há um comprometimento com o empreendedorismo com o objetivo de estimular o crescimento económico, que deveria tornar a Europa líder mundial em empreendedorismo até 2020 (Thomas et al., 2014). Decorrente desta, foi definido o Programa Plurianual para a Empresa e o Espírito Empresarial (2001-2005), coordenado pela Direção Geral das Empresas e da Indústria da CE, onde estava expressa a necessidade de criar na sociedade um ambiente mais favorável ao empreendedorismo, melhorando as competências dos cidadãos e eliminando obstáculos que dificultem a criação, transmissão e crescimento das empresas (CE, 2006). Em 2006, foi definida a Agenda de Oslo para a EE na Europa, que consiste num conjunto variado de ações que cada país deve escolher assumir, com vista à introdução da EE nos seus sistemas educativos (CE, 2006).

A crescente necessidade de promover a EE e o modelo de aprendizagem empreendedora assume, portanto, uma importância alta na agenda política europeia. Esta ideia encontra-se explicitamente sublinhada no documento *“Small Business Act for Europe”* (CE, 2008) e na

comunicação “Rethinking Education” (CE, 2012). Assim, na última década, foram implementadas várias medidas nos diferentes Estados-Membros para incorporar o empreendedorismo enquanto competência nos currículos dos vários níveis do ensino, incluindo no superior, bem como para criar quadros de referência e outros instrumentos que permitam operacionalizar esta competência transversal nos vários contextos educativos.

Mais recentemente, em 2013, foi definido o “Plano de ação «Empreendedorismo 2020» - Realçar o espírito empresarial na Europa” que assenta em três eixos: i) desenvolver o ensino e a formação no domínio do empreendedorismo; ii) garantir um contexto empresarial propício; utilizar modelos de empreendedorismo e iii) alcançar grupos específicos. Neste é identificado um contexto preocupante para os futuros empreendedores, uma vez que se identifica que o ensino não garante bases adequadas a uma carreira empresarial e que existe uma cultura generalizada que não reconhece ou recompensa suficientemente as iniciativas empreendedoras (CE, 2013b).

2.3.3 *Em Portugal*

Em Portugal, o empreendedorismo ganhou maior destaque nas agendas nacionais desde o XIX Governo Constitucional (21 de junho de 2011 a 30 de outubro de 2015). Neste período foi criado o cargo de Secretário de Estado do Empreendedorismo, Competitividade e Inovação e, posteriormente, o Conselho Nacional para o Empreendedorismo e a Inovação (CNEI) que implementou o Programa Estratégico para o Empreendedorismo e Inovação (+E +I) onde, segundo a Resolução do Conselho de Ministros n.º 54/2011, de 16 de dezembro (p. 5315) Portugal deveria construir uma nova realidade económica, competitiva, aberta ao mundo, alicerçada em conhecimento e inovação, capital humano altamente qualificado e com espírito empreendedor.

De 2016 a 2018, no XXI Governo Constitucional, ocorreu o programa StartUP Portugal, consistindo numa estratégia nacional para o empreendedorismo, com foco em três eixos: “Ecosistema”, “Financiamento” e “Internacionalização”. A política desenvolvida consistiu na criação de instrumentos para cada uma das fases das empresas, benefícios fiscais e financiamento que se traduziram na implementação de 17 medidas. Para os anos 2019 e 2020, foi feita uma consolidação e reativação de algumas medidas do programa original, constituindo o Programa Startup Portugal+, com 20 medidas divididas pelos eixos “+Ecosistema”, “+Financiamento” e “+Internacionalização” (Ministério da Economia, 2018).

2.3.4 Nas Instituições do Ensino Superior

O papel das Instituições de Ensino Superior (IES) no domínio do empreendedorismo vão muito além da transmissão de conhecimentos, implicando a participação em ecossistemas, parcerias e alianças industriais (CE, 2013b). As IES têm-se movimentado no sistema nacional de inovação (SNI) com o objetivo de acompanhar a dinâmica das regiões onde se inserem (Arthur & Hisrich, 2011; Valente & Costa, 2018). Assim, foi estimulada a chamada “terceira missão” das IES, contribuindo para a criação de conhecimento e para a conversão do mesmo em valor económico, criando emprego qualificado e novas empresas (Valente & Costa, 2018).

Além disso, uma vez que o ambiente onde as *start-ups* académicas são criadas é bastante díspar do ambiente comercial em que vão atuar (Manigart et al., 1996), as IES têm o poder de atuar como integrador da população académica com empreendedores, através da criação de redes que permitem a interação e articulação na promoção, apoio, criação e crescimento de novas empresas (Meyer et al., 2012). Para responder a isto, as IES têm criado estruturas de apoio próprias, onde se incluem gabinetes de apoio à transferência de tecnologia e ao empreendedorismo, apoio à EE, consultoria ou registo e gestão da propriedade intelectual. Paralelamente, fomentam parcerias com entidades financeiras, de prestação serviços jurídicos, fiscais e contabilísticos ou com incubadoras e parques de ciência e tecnologia (Valente & Costa, 2018). Através da colaboração entre a CE e a OCDE, resultaram um conjunto de orientações para IES que pretendem auxiliar as universidades na sua autoavaliação bem como na melhoria da capacidade de utilização de módulos de aprendizagem específica, com o objetivo de promoção do empreendedorismo (CE, 2013b).

2.4 Concursos de empreendedorismo

2.4.1 Onde surgiram

O primeiro CcE ocorreu em 1984, na Universidade do Texas. Em 1989 esta competição tornou-se nacional através da extensão do concurso às universidades de Harvard, Wharton, Carnegie Mellon, Michigan e Purdue. Dois anos depois, a competição tornou-se internacional com a London Business School, a Lyon Graduate School of Business de França e a Bond University da Austrália a participar (Bell, 2010). Desde então, o número de competições aumentou exponencialmente em todo o mundo, com um especial crescimento desde o século XXI, sendo

que na Europa e noutros continentes, estas competições proliferaram desde 2000 (Bell, 2010; Lopes, 2010).

2.4.2 *Objetivos dos concursos*

Segundo Cadenhead (2003), os CcE seriam uma forma livre de riscos e com apoio académico para criar novos negócios, dando a oportunidade aos participantes de aplicar os seus conhecimentos na prática e de apresentar as suas ideias e vocações em algo para além de um simples exercício de sala de aula. Os objetivos dos CcE incluem a promoção do empreendedorismo, o desenvolvimento de competências de negócios nos participantes, a descoberta e o apoio a novas ideias de negócios, a criação de novas empresas de base tecnológica e a criação de uma cultura de negócios (Carvalho, 2009). Dodt et al. (1999) afirmam que os concursos têm quatro benefícios, entre eles, motivar as pessoas a apresentarem as suas ideias; desenvolver competências de comunicação e comerciais; atrair capital de risco e identificar prestadores de serviços que estejam dispostos a apoiar atividades empreendedoras. Para Ross (2012) os concursos têm como objetivo a transformação de ideias em produtos e produtos em propriedade intelectual. Para Cornel (2014) os CcE oferecem aos empreendedores académicos, caracterizados pela sua inexperiência, uma oportunidade de validar as suas ideias de negócio antes que elas sejam lançadas, de ganhar visibilidade e de atrair potenciais investidores.

Para Berger (2012), os CcE pretendem melhorar a qualidade das *start-ups* criadas. Os CcE fazem assim, parte do conjunto de iniciativas para promover a inovação e fornecer um estímulo para a criação de novos empreendimentos, captando novas ideias, talentos e potenciando a comunidade (Russell et al., 2004a). No Plano de Ação “Empreendedorismo 2020”, a CE salienta que “os jovens que participam neste tipo de aprendizagem desenvolvem os seus conhecimentos empresariais e um conjunto de aptidões e atitudes essenciais, incluindo a criatividade, o espírito de iniciativa, a tenacidade, o trabalho em equipa, a compreensão dos riscos e o sentido de responsabilidade. Estas são as bases que ajudam os empresários a transformar as suas ideias em ações.” (CE, 2013b, p. 6).

2.4.3 *Atividades dos concursos*

Os concursos são, na sua maioria, organizados por uma instituição educacional ou organização de desenvolvimento económico do governo. Baseando-se em descrições de CcE na literatura, Gartner & Vesper (1994) sistematizaram as atividades oferecidas e agruparam-nas em quatro

componentes: i) uma componente de “educação”; ii) uma componente de “planeamento de negócio”, que pode incluir aconselhamento sobre o desenvolvimento de uma ideia de negócio específica; iii) uma componente de “interação com a prática”, que pode incluir conversas de profissionais e eventos de rede; e iv) uma componente de “apoio universitário”, que pode incluir recursos para pesquisa de mercado, espaço para reuniões, recursos tecnológicos com potencial comercial e financiamento inicial. Os CcE são constituídos por diferentes componentes, tais como *mentoring*, *networking*, *team-building*, *workshops/oficinas* de capacitação, oportunidade de acesso a recursos (incluindo financiamento) e conhecimentos, conversas com empreendedores, trabalho em equipa, acesso a potenciais investidores, entre outros (Russell et al., 2004b; Ross, 2012). Um dos formatos mais populares consiste no desenvolvimento de um plano de negócios para uma ideia de negócio. A elaboração deste plano foi identificada por Karlsson (2005) como a parte mais importante dos concursos porque permite que os participantes tenham uma aprendizagem prática. Além disso, há um ambiente de aprendizagem contínua (Oakes et al., 2012).

2.4.4 *Concursos de empreendedorismo em Portugal*

Para responder ao problema estrutural português, caracterizado por setores de média-baixa tecnologia e com pouca propensão para correr riscos e lidar com falhas, têm sido organizadas iniciativas com intenção estratégica de estimular empreendedores a nutrir novas ideias de negócio para fortalecer a competitividade económica (Carvalho, 2009). Os CcE em Portugal proliferaram desde 2000 e, devido à qualidade das parcerias formadas para gerir os concursos, dos promotores liderados por IES e empresas privadas, do apoio e assistência a participantes e dos prémios oferecidos, estes demonstram-se cada vez mais maduros. No âmbito desta investigação vai ser explorado o CcE Poliempreende.

2.4.5 *Poliempreende*

Em 2003 surge o Poliempreende, uma iniciativa da rede de IES Politécnico (Institutos Politécnicos, escolas superiores não integradas e escolas politécnicas das universidades), que visa avaliar e premiar projetos desenvolvidos e apresentados por alunos, diplomados, docentes e investigadores destas instituições, através de um concurso de ideias e de planos de negócios. É um projeto inovador, uma vez que a sua metodologia educacional é diferenciadora e adaptável à organização e dinâmica de cada parceiro (Paiva et al., 2018; Parreira et al., 2017; Proença & Sanches, 2016).

Os objetivos do Poliempreende são os seguintes: (i) promover o empreendedorismo; (ii) educar/formar para o empreendedorismo; (iii) desenvolver projetos de vocação empresarial; (iv) avaliar e premiar os melhores projetos de natureza empresarial; e (v) potenciar a transferência de conhecimento entre o meio académico e o tecido empresarial (Paiva et al., 2018).

O Poliempreende está estruturado em três fases: “regional – ideias de negócio”, “regional – planos de negócio” e “nacional”. As duas primeiras são desenvolvidas em cada IES e o vencedor vai à fase nacional onde são apurados os três melhores projetos (Paiva et al., 2018). As fases regionais dividem-se em dois blocos: as “Oficinas E” que têm como objetivo o estímulo da criatividade e inovação, terminando numa análise das ideias por um painel de jurados; e as “Oficinas E2” que oferecem formação nas áreas fundamentais à construção de planos de negócio, terminando numa apresentação em forma de *pitch* a um júri regional (Paiva et al., 2018; Proença & Sanches, 2016). O projeto vencedor na fase regional passa à fase nacional e concorre com os vencedores apurados nas restantes IES (Paiva et al., 2018; Proença & Sanches, 2016).

A avaliação dos projetos a concurso é feita através de uma grelha de avaliação composta pelos seguintes tópicos: grau de inovação do negócio; modelo do negócio; exequibilidade do negócio; plano de marketing para o negócio; impacto socioeconómico; viabilidade económico-financeira e equipa de projeto (Paiva et al., 2018).

2.5 Benefícios dos concursos de empreendedorismo

Soutaris et al. (2007), Russell et al. (2004a; 2004b; 2008) e Qureshi et al. (2016) alegam que os benefícios que os participantes obtêm vão muito além da criação de empresas, identificando o estabelecimento de contactos e de *networking*, a obtenção de *feedback* das suas ideias através de consultoria e *mentoring* profissional pelos palestrantes e professores, desenvolvimento de competências empreendedoras e conhecimentos, captura de ideias e talentos e acesso a recursos. A nível emocional há o desenvolvimento da propensão para assumir riscos e o aumento da inspiração (Soutaris et al., 2007; Russell et al., 2008).

Souitaris et al. (2007) desenvolveram um estudo no qual testaram quais os benefícios derivados da participação em concursos de empreendedorismo, tendo como variáveis a aprendizagem, a inspiração e o acesso a recursos. Este estudo demonstra que a inspiração é o benefício mais influente do programa, enquanto o conhecimento e os recursos servem para

aumentar a probabilidade de sucesso de um novo empreendimento. Se a meta é aumentar o número de empreendedores na população estudantil, então a parte inspiradora dos concursos deve ser planeada detalhadamente.

Através da literatura de base para esta investigação, foram sintetizados na Tabela I os benefícios dos CcE e os respetivos autores que os suportam. Destacam-se o desenvolvimento de competências empreendedoras (CpE), aumento do conhecimento (AC), aumento da inspiração (AI) e o acesso a recursos (AR) que irão ser as variáveis em estudo na presente investigação.

Tabela I - Síntese dos benefícios da participação em CcE

Impacto	Autores
Desenvolvimento de competências empreendedoras	Galvão, 2019; Fayolle et al., 2006; Oosterbeck et al., 2008; Russell et al., 2004; Qureshi et al., 2016; Soutaris et al., 2007; Goodman, 2012; Foo et al., 2005; Schwartz et al., 2013; Johasen, 2014; Mosey et al., 2012; GEM, 2010; Mosey et al., 2006; Huffman & Quigley, 2002; Mosey, 2010; De Carolis & Saporito, 2006; Tjosvol & Weicker, 1993.
Aumento do conhecimento	Soutaris et al., 2007; Russell et al., 2008; Qureshi et al., 2016; Johasen, 2014; Berger, 2012; Shepherd & DeTienne, 2005.
Aumento da inspiração	Soutaris et al., 2007; Russell et al., 2008; Berger, 2012; Thrash & Elliott, 2013.
Acesso a recursos	Soutaris et al., 2007; Rasmussen et al., 2011; Tjosvold & Weicker, 1993; Carvalho, 2009; Russell et al., 2004.

Fonte: Elaboração própria.

2.5.1 Desenvolvimento de competências empreendedoras

Durand (2006) define competências como um conjunto e combinação de características pessoais, aptidões e conhecimentos que se exprimem em comportamentos que podem ser avaliados e observados. Em relação às competências empreendedoras, Antonello (2005) afirma que estas dizem respeito a um conjunto de aptidões e atitudes que viabilizam um indivíduo a seguir a sua visão, estratégias e ações na criação de valor tangíveis e intangíveis. Através do estudo dos CcE na Noruega, Johasen (2014) concluiu que estes ajudam na promoção e desenvolvimento de competências empreendedoras, ou seja, qualidades e atitudes pessoais, tais como a disposição para tomar iniciativa, inovação, criatividade, vontade de assumir riscos, autoconfiança, capacidade de colaborar e competências sociais. As competências são qualidades de desempenho que não dependem fundamentalmente da

pessoa em si, como capacidade inata, mas que são passíveis de serem treinadas e desenvolvidas (Adeyemo, 2009).

2.5.2 *Aumento do conhecimento*

Ser capaz de lançar um novo negócio requer um vasto conjunto de conhecimentos. O capital humano, tal como a educação e a experiência de trabalho, vai influenciar a capacidade de identificar e explorar novas oportunidades (Shepherd & DeTienne, 2005). Para Soutaris et al. (2007) o conhecimento específico sobre empreendedorismo aprendido durante o concurso vai melhorar essa capacidade de identificar as oportunidades por parte dos participantes. O capital social pode também facilitar o acesso de um indivíduo a informações, que podem ser aproveitadas para identificar negócios e explorar oportunidades de negócios (De Carolis & Saporito, 2006), podendo melhorar o desempenho empreendedor (Baron & Markman, 2000). No estudo de Johasen (2014) conclui-se que nos CcE é também desenvolvido conhecimento sobre como iniciar um negócio e sobre processos inovadores em empresas existentes.

2.5.3 *Aumento da inspiração*

No presente contexto de empreendedorismo, define-se inspiração como uma mudança de coração (emoção) e mentes (motivação) evocada por eventos ou contribuições do concurso, em que os participantes consideram tornar-se empreendedores (Soutaris et al., 2007). O primeiro passo para fazer com que alguém tenha interesse em ser empreendedor, advém desta alteração emocional em relação ao empreendedorismo (Soutaris et al., 2007).

2.5.4 *Acesso a recursos*

Na ótica de Rasmussen et al. (2011) o acesso a recursos é fundamental para desenvolver o negócio, entre eles, prémios, acesso a infraestruturas, incubação e serviços de contabilidade e marketing. Nos CcE, este acesso a recursos pode servir como incentivo, atraindo participantes (Carvalho, 2009). Os prémios podem ser amplamente classificados em duas categorias, prémios em dinheiro (financiamento) e prémios em espécie (Russell et al., 2004b). Muitos dos concursos oferecem ambos os tipos de prémios. Os prémios em espécie incluem consultoria (sobre impostos ou fundos), serviços de incubação e desenvolvimento de negócio, consultoria em planos de negócios, prémios de mérito, admissão direta a outros concursos, educação e treino especializado, estágios ou presentes. Em Portugal, os prémios em dinheiro variam entre concursos, desde algumas centenas de euros a um máximo de 50.000 euros (Carvalho, 2009). Os prémios são, geralmente, oferecidos por patrocinadores comerciais

locais que podem beneficiar da nova atividade do empreendimento na sua região (Cornel, 2014).

3. MODELO CONCEPTUAL E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Desenvolvimento do modelo

À luz da revisão da literatura, depreende-se que o ambiente e a educação para o empreendedorismo oferecem vários benefícios aos participantes (Webb, 2010; Russell et al., 2008; Carvalho, 2009; Soutaris et al., 2007; Bell, 2010). Com esta investigação pretende-se identificar quais os benefícios percebidos pelos participantes através da participação em CcE, uma vez que se identificou uma lacuna nos estudos direcionados para entender os resultados dos concursos (Ross & Byrd, 2010; Carvalho, 2009). Além de se estudar a relação entre as características dos CcE com os possíveis benefícios (CpE, AC, AI e AR), nesta investigação analisa-se também a relação entre a Orientação Empreendedora Individual (OEI) e o Empreendedorismo Nascente (EN) e destes com as CpE. Considerando todos estes aspetos, foi construído o modelo conceptual representado na Figura 1.

Com esta dissertação espera-se auxiliar os organizadores dos CcE a produzirem programas mais atrativos e valorizados pelos participantes, captando mais estudantes e formando-os com maior qualidade, promovendo o desenvolvimento de ideias de negócio disruptivas e com maior valor agregado, contribuindo para o desenvolvimento da economia e indo ao encontro da Estratégia de Lisboa (Thomas et al., 2014).

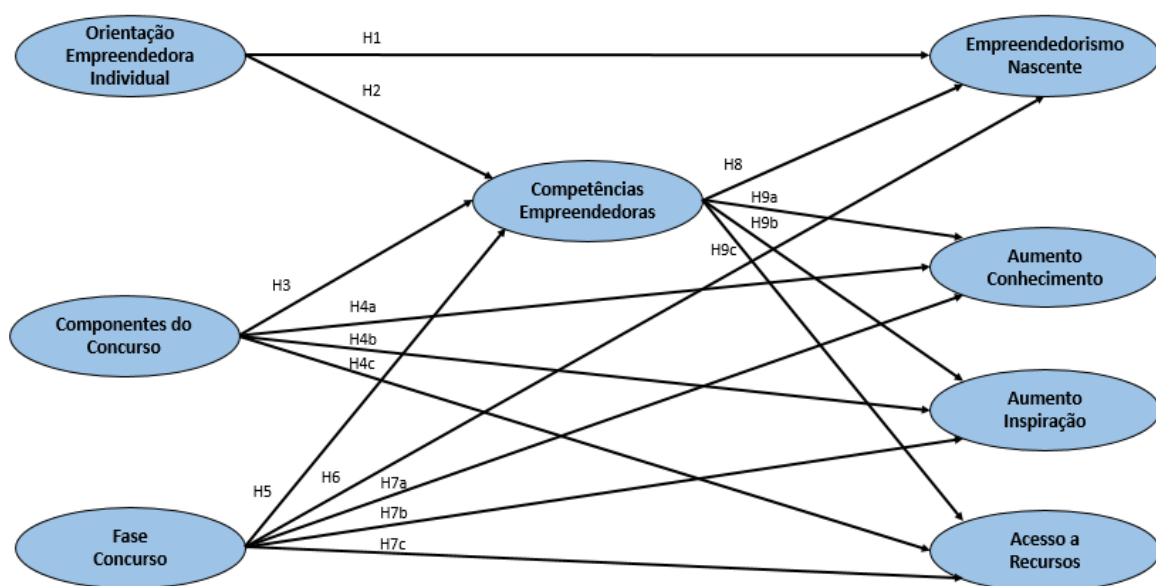


Figura 1 - Modelo conceptual.

3.2 Hipóteses de investigação

De acordo com Lumpkin & Dess (1996) a OEI refere-se a práticas e tomada de decisões com características de inovação, propensão ao risco e pró-atividade, usadas para agir de forma empreendedora onde os indivíduos optam por iniciativas pró-ativas e agressivas para alterar o cenário em seu benefício. Este é um conceito amplo que abrange as intenções de se tornar empreendedor e descreve características individuais que podem se traduzir em ações empreendedoras (Lumpkin & Dess, 1996; Thompson, 2009). Por sua vez, o EN está diretamente relacionado com o comportamento empreendedor. No entanto, na literatura analisada não foi encontrada nenhuma investigação que estudasse diretamente a relação entre a OEI e o EN.

As CpE (pesquisa/criatividade, planeamento/gestão, organização, ambiguidade e conhecimentos financeiros) foram identificadas no contexto do empreendedorismo como um dos fatores mais importantes e necessários para os participantes se tornarem empreendedores bem-sucedidos nas suas práticas empresariais (Ibrahim & Lucky, 2014). Liñán (2008) acrescenta que empreendedores bem-sucedidos têm de desenvolver estas capacidades, uma vez que estes são requisitos básicos para um negócio ser desenvolvido com sucesso. Assim, surgem as seguintes hipóteses:

H1: *Existe uma relação positiva entre a orientação empreendedora individual e o empreendedorismo nascente, para os participantes dos concursos de empreendedorismo.*

H2: *Existe uma relação positiva entre a orientação empreendedora individual e o desenvolvimento de competências empreendedoras através da participação em concursos de empreendedorismo.*

Russell et al. (2008) alega que embora um dos objetivos principais destes concursos sejam a criação de *start-ups*, eles também levam a que sejam desenvolvidas competências empreendedoras. Qureshi et al. (2016) concluíram que o maior dos benefícios que estes concursos trazem para os participantes é o desenvolvimento das suas competências empreendedoras. No estudo de Galvão (2019) também se concluiu que a participação em concursos de empreendedorismo, e consecutivamente, nas suas componentes, vão influenciar positivamente as competências empreendedoras. Segundo um estudo de Gaspar

(2009), os concursos de empreendedorismo em Portugal demonstraram um resultado positivo para os participantes, através da sua contribuição para a capacidade de identificar e avaliar oportunidades de negócios, estimulando o desenvolvimento CpE. Considerando estes argumentos, pode-se avançar com a seguinte hipótese:

H3: *Existe uma relação positiva entre as componentes do concurso e o desenvolvimento de competências empreendedoras através da participação em concursos de empreendedorismo.*

Em 1993, Tjosvold & Weicker identificaram a importância dos concursos para empreendedores académicos, devido ao acesso a recurso e ao aumento das suas redes cooperativas e competitivas. Mosey et al. (2006; 2010) reforçam a importância destes concursos uma vez que através do estabelecimento de contacto com outros empreendedores experientes, os participantes poderão desenvolver as suas competências sociais e empreendedoras. Souitaris et al. (2007) concluíram que o benefício mais significativo é o AI, embora o AC e o AR sejam importantes para aumentar o sucesso para quem está a iniciar um novo negócio. Para Russell et. al (2008) o AR é o benefício mais importante dos CcE, e, é através dele, que se se estimula o AC, o AI e o desenvolvimento de CpE. Para Berger (2012), muitos dos participantes concorrem para obter suporte e conhecimento adicional de especialistas para superar o ambiente universitário não comercial, usufruindo da ajuda de consultores profissionais e de professores, que os ajudaram a combater o défice de competências de gestão, negociação, marketing, acesso a financiamento e assuntos legais. Os júris e os mentores podem também contribuir para aumentar a inspiração nos concorrentes, sendo estes, muitas vezes, empresários com sucesso (Berger, 2012). Deste modo, sugerem-se as seguintes hipóteses:

H4a: *Existe uma relação positiva entre as componentes do concurso e o aumento do conhecimento através da participação em concursos de empreendedorismo.*

H4b: *Existe uma relação positiva entre as componentes do concurso e o aumento da inspiração através da participação em concursos de empreendedorismo.*

H4c: *Existe uma relação positiva entre as componentes do concurso e o acesso a recursos através da participação em concursos de empreendedorismo.*

De acordo com Thomas et al. (2014) o estado de desenvolvimento dos projetos no momento em que concorrem aos CcE pode fazer diferença na percepção dos benefícios e do que se ganha com a experiência. Este autor afirma que quanto mais próximo do lançamento do negócio ou de se ter iniciado atividade, maior é a percepção dos benefícios. Daqui pode-se concluir que a fase em que se chega no concurso, pode influenciar os impactos sentidos pelos participantes. Esta diferença justifica-se pelas diferentes necessidades que existem em cada fase. No entanto, Russell et al. (2008) demonstraram que aqueles que não ganharam o concurso, ou seja, que ficaram numa fase anterior na competição, perceberam igualmente os benefícios. A formação em empreendedorismo é uma questão complexa, pois os efeitos podem aparecer em momentos diferentes (Fayolle & Gailly, 2004). Assim, apresentam-se as seguintes hipóteses:

H5: *Existe uma relação positiva entre a fase do concurso e a aquisição de competências empreendedoras pelos participantes dos concursos de empreendedorismo.*

H6: *Existe uma relação positiva entre a fase do concurso e o empreendedorismo nascente dos participantes em concursos de empreendedorismo.*

H7a: *Existe uma relação positiva entre a fase do concurso e o aumento do conhecimento através da participação em concursos de empreendedorismo.*

H7b: *Existe uma relação positiva entre a fase do concurso e o aumento da inspiração através da participação em concursos de empreendedorismo.*

H7c: *Existe uma relação positiva entre a fase do Concurso e o acesso a recursos através da participação em concursos de empreendedorismo.*

Segundo um estudo de Schwartz et al. (2013), dois dos efeitos dos concursos são o aumento da quantidade de atividade empreendedora que molda a decisão de um indivíduo em tornar-se empreendedor e o aumento da qualidade do empreendedorismo através do desenvolvimento de CpE. Assim, formulou-se a seguinte hipótese:

H8: *Existe uma relação positiva entre as competências empreendedoras e o empreendedorismo nascente dos participantes em concursos de empreendedorismo.*

Uma vez que os empreendedores académicos têm um défice de capital social nas suas redes científicas e na indústria, para Mosey et al. (2006; 2010) os CcE dão a possibilidade de estabelecer parcerias e colaborações dinâmicas com empreendedores experientes,

consultores profissionais e professores. Assim, é possível superar o ambiente universitário não comercial, combatendo o déficit de competências de gestão, negociação, marketing, acesso a financiamento e assuntos legais (Mosey et al., 2012). Huffman & Quigley (2002), acrescentam que com as oportunidades de *networking* há o desenvolvimento de uma cultura empreendedora, que inspira inovação e motiva o desenvolvimento do negócio. Assim, pode-se assumir que, com o desenvolvimento das CpE, possa existir uma influência direta no AC, AI e/ou AR. Deste modo, formularam-se as seguintes hipóteses:

H9a: Existe uma relação positiva entre as competências empreendedoras e o aumento do conhecimento através da participação em concursos de empreendedorismo.

H9b: Existe uma relação positiva entre as competências empreendedoras e o aumento da inspiração através da participação em concursos de empreendedorismo.

H9c: Existe uma relação positiva entre as competências empreendedoras e o acesso a recursos através da participação em concursos de empreendedorismo.

4. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente capítulo explica a metodologia utilizada na investigação, dividindo-se em quatro partes que descrevem todas as decisões e etapas metodológicas utilizadas.

Para atender ao objetivo deste estudo, foi implementado um método quantitativo de recolha de dados primários. Assim, elaborou-se um inquérito *online* através da técnica de questionário, designado por Saunders et al. (2012, pág. 419) como questionários mediados pela internet, com escalas validadas previamente. As vantagens que os questionários *online* apresentam são a facilidade de aceder a indivíduos e grupos e a redução do tempo e custos necessários por parte do investigador (Wright, 2005).

A primeira parte deste capítulo descreve a amostra utilizada no estudo e como foi obtida, a segunda parte apresenta o método de construção do questionário bem como uma descrição das variáveis utilizadas no modelo concetual. Na terceira parte é apresentado o método de envio do questionário e, por fim, na quarta parte são apresentados os métodos de análise dos resultados.

4.1 Seleção da amostra do estudo

O público-alvo deste estudo foram os concorrentes do Poliempreende entre 2008 e 2019. Procurou-se obter uma amostra representativa dos diferentes parceiros da rede Poliempreende. A base de dados obtida compreendia 2228 participantes do Poliempreende.

4.2 Design do questionário e variáveis

Através da revisão da literatura identificaram-se as variáveis adequadas e mensuráveis, o que levou ao esboço do questionário. A grande maioria das questões colocadas eram de resposta fechada, com uma linguagem de fácil compreensão e um *layout* simples de modo a ser compreendido por todos os respondentes (Barnett, 1991). Esta abordagem foi usada tanto no questionário *online* quanto no convite e lembretes enviados por *e-mail* (ver Anexos 1, 2, 3, 4 e 5). As questões abertas, referiam-se sobretudo a aspetos de caracterização demográfica dos inquiridos.

O questionário organizava-se em cinco secções (A, B, C, D e E). A secção A inclui questões relacionadas com dados pessoais dos respondentes para efeito de caracterização da amostra, enquanto a secção B corresponde à caracterização da participação dos inquiridos no programa Poliempreende. A secção C dedica-se às motivações para o empreendedorismo, a secção D permite aferir a personalidade dos participantes e, por fim, a secção E aborda os benefícios da participação em concursos de empreendedorismo.

Para todas as variáveis foram utilizadas escalas *multi-item*, uma vez que, de acordo com o sugerido por Churchill (1979), estas escalas aumentam a fiabilidade e reduzem o erro de medida. Pediu-se aos respondentes que indicassem o seu grau de concordância para cada item apresentado, de acordo com uma escala do tipo Likert de 7 pontos, usualmente do tipo: 1- “Discordo totalmente” a 7- “Concordo totalmente. Em alguns casos, foi utilizada uma designação diferente para os 7 pontos, sendo que esses casos específicos podem ser consultados no Anexo 1.

Na secção C foi medido o EN (22 itens) através de uma escala adaptada de McGee et al. (2009). Na secção D foi medida a OEI (10 itens) de Bolton & Lane (2012), considerando as características de inovação, propensão ao risco e pro-atividade. Por fim, na secção E, os benefícios de participação foram medidos através de uma escala de AC (5 itens); uma escala

de AI (6 itens) e uma escala de AR (11 itens), todas elas de Soutaris et al. (2007). Por último, utilizou-se uma escala de CpE (29 itens) de Qureshi et al. (2016) para medir as dimensões de pesquisa/criatividade, planeamento/gestão, organização, ambiguidade e conhecimentos financeiros; e uma escala da importância dos componentes do concurso (13 itens) de Russell et al. (2004a).

4.3 Envio do questionário e Follow Ups

O questionário foi construído *online* utilizando a plataforma LimeSurvey (<https://limesurvey.org>). Foi enviado um *link*, via *e-mail*, para os 2228 participantes da amostra. Nesse *e-mail* foi explicado aos respondentes o propósito do estudo (ver Anexos 2, 3, 4 e 5). Foram seguidas algumas recomendações sugeridas por Podasakoff et al. (2003) para evitar o *Common Method Bias*, nomeadamente: a confidencialidade, como forma de reduzir a apreensão dos mesmos nas respostas; a utilização de itens de medida simples e específicos para possibilitar uma melhor compreensão e, por fim, não foi dado a conhecer o modelo concetual da investigação.

O processo de envio e de *follow-up* passou por diversas etapas:

- 1ª Etapa: no dia 10 de julho de 2019 iniciou-se o envio dos *e-mails* para os 2228 participantes que estavam listados na base de dados. Destes, 81 *e-mails* foram devolvidos pois não estavam ativos e 16 respondentes pediram para que os seus contactos fossem retirados da base de dados, diminuindo assim o número total da amostra para 2131 contactos. Nesta etapa obtiveram-se 87 respostas completas;
- 2ª Etapa: o primeiro *follow-up* foi enviado no dia 17 de julho de 2019, onde se realçou a importância da colaboração no estudo. Nesta etapa atingiram-se as 185 respostas completas;
- 3ª Etapa: o segundo *follow-up* foi realizado a 23 de julho de 2019 e foi enviado aos participantes que, passadas as duas semanas anteriores, ainda não tinham respondido ao questionário. No final desta etapa obteve-se, no total, 235 respostas completas;
- 4ª Etapa: foi enviado o último pedido de colaboração com o estudo a 29 de julho de 2019 com término a 05 de agosto de 2019, somando um total de 317 respostas completas. Obteve-se uma taxa de resposta de 14,9% (317/2131).

4.4 Métodos para Análise de Dados

Inicialmente, os dados obtidos foram tratados com o *software* SPSS, onde as variáveis foram agregadas e a fiabilidade foi testada. Como todas as variáveis presentes no estudo tinham o valor desejado para o Alpha-Cronbach ($\alpha=0.70$), nenhuma foi excluída. Ainda assim, nesta

primeira etapa de purificação das medidas foram excluídos alguns dos itens da variável AR, para que cumprisse o limite mínimo para o Alpha-Cronbach (Hair et al., 2009; Nunnally, 1978).

Para obter uma análise mais complexa, utilizou-se o método denominado SEM (*Structural Equation Modeling*), também conhecido por técnica de segunda geração. Esta tem sido amplamente utilizada na investigação académica na área do empreendedorismo (e.g. Haus et al., 2013; Felício et al., 2015). O SEM consiste num conjunto de técnicas estatísticas que permitem o estabelecimento de relações entre diversas variáveis (independentes e dependentes) que podem ser discretas ou contínuas (Ullman, 2006). Entre as diferentes técnicas que o SEM utiliza, está a regressão múltipla, análise fatorial e a análise multivariada, permitindo que seja feita a relação entre todas as variáveis simultaneamente. Através das várias equações determinadas pelo SEM, é possível traçar relações entre variáveis endógenas, definindo o modelo concetual (Hair et al, 2009). Ao contrário das técnicas tradicionais, através desta ferramenta é possível concetualizar o modelo previamente à validação dos dados. Assim, aplica-se uma abordagem confirmatória em vez de exploratória (Byrne, 2013). No presente estudo, utilizou-se o software AMOS numa abordagem *two-step* para definir o modelo estrutural (Byrne, 2013; Hair et al., 2009).

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

5.1 Caracterização da Amostra

Nesta secção é feita a caracterização dos respondentes do questionário e, em seguida, a caracterização das participações no Poliempreende.

5.1.1 Caracterização dos Respondentes

Os respondentes do sexo feminino representam 57.73% da amostra. A média das idades dos respondentes é de 29 anos. As idades foram divididas segundo faixas etárias sendo que o maior grupo de respondentes se situa na faixa dos 19-25, constituindo cerca de 53% da amostra (Figura 2). Relativamente ao nível de escolaridade, 48.58% dos respondentes possuem licenciatura (Figura 3). As áreas de estudo foram divididas segundo a Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação (CNAEF) presentes na Portaria nº 256/2005, de 16 de março. Assim, 21.45% dos respondentes pertencem à área de saúde e 20.50% pertencem à área das ciências empresariais. As áreas com menor representação podem ser consultadas na Figura 4. Os respondentes foram também caracterizados segundo a sua situação profissional sendo que a maioria, nomeadamente 47.95%, encontra-se na situação

de empregado por conta de outrem e 32.18% é estudante. Com menor representação na amostra, 11.67%, está a categoria de empregado por conta própria e 8.2% na situação de desempregado. Por fim, foram identificados os anos de experiência no trabalho da vida ativa, na gestão ou coordenação de negócios e como dono/sócio de empresas. Estes resultados podem ser consultados na Figura 5. Pode-se verificar que 39,75% têm até 5 anos de experiência de trabalho da vida ativa e 24,61% não têm experiência. Quanto à gestão/coordenação de negócios, 70,35% dos respondentes não têm experiência, semelhante à situação como dono/sócio de empresas, em que, 82,33% dos respondentes não têm experiência.

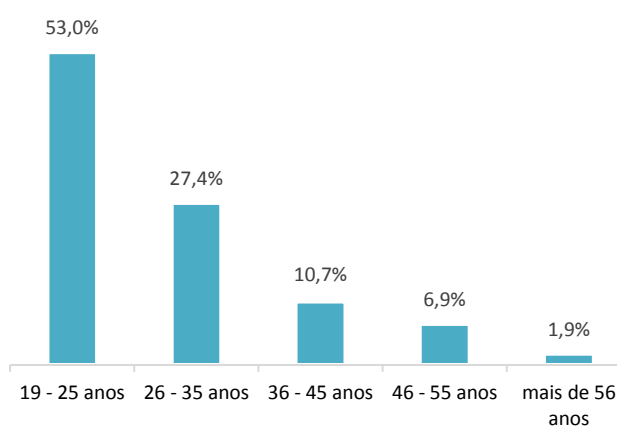


Figura 2 - Idade dos respondentes.

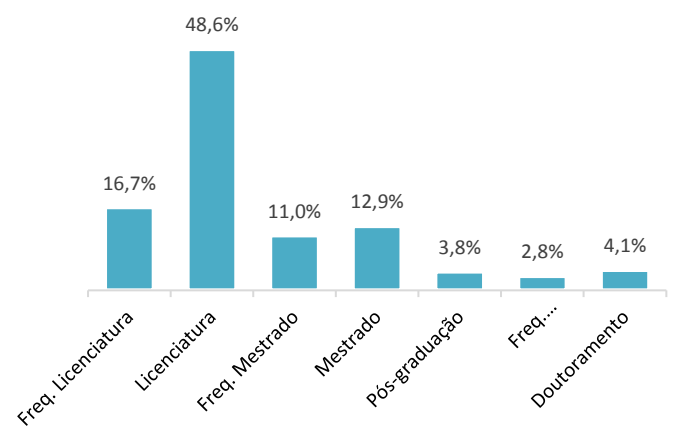


Figura 3- Nível educacional dos respondentes.

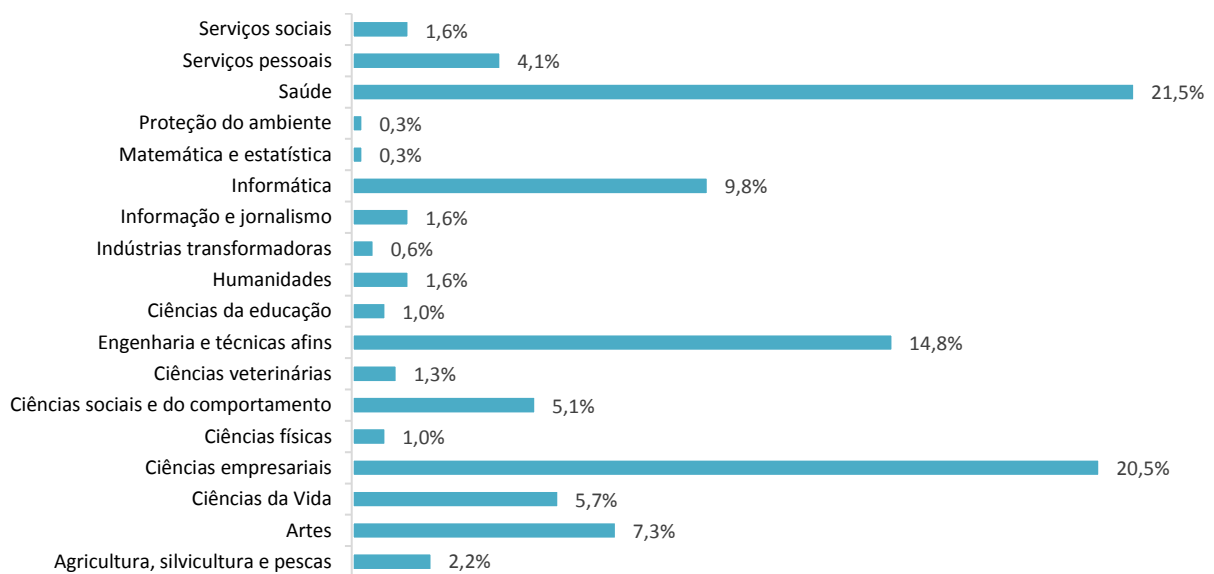


Figura 4 - Área de educação e formação dos respondentes.

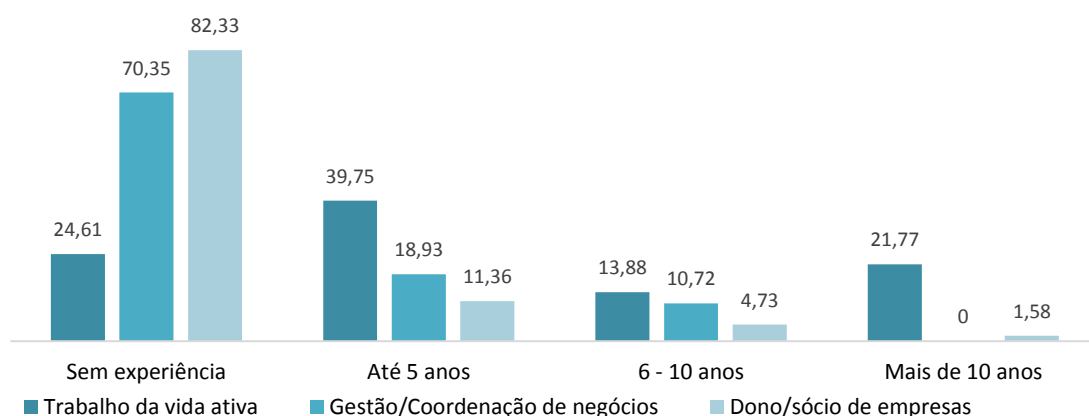


Figura 5 - Anos de experiência dos respondentes no: trabalho de vida ativa; gestão/coordenação de negócios; como dono/sócio de empresas.

5.1.2 Caracterização da Participação no Poliempreende

A maioria dos respondentes, cerca de 37,01%, participaram no Poliempreende no ano de 2019; 24,35% participaram em 2018 e 16,56% em 2017. Os restantes cerca de 22% participaram nos anos 2008 a 2016. As instituições com maior representação na nossa amostra são o IP Coimbra, onde pertencem 30,91% dos respondentes e o IP Lisboa com 11,99% dos respondentes. Os restantes podem ser consultados na Figura 6.

A fase do concurso a que os participantes chegaram foi também avaliada, sendo que 38,8% chegaram até à fase regional - ideias de negócio, 43,53% até à fase regional - planos de negócio e, por fim, 17,67% à fase nacional. Os projetos foram em geral desenvolvidos por 2 elementos (23,03%), 3 elementos (20,19%), 4 elementos (13,66%) ou 1 elemento (11,99%). As restantes dimensões dos grupos não são significativas. O último tópico em análise foi a participação nas sessões de capacitação, onde 28% dos inquiridos participaram em todas as sessões de capacitação, 21% participaram em 75% das sessões e 17% dos inquiridos participaram apenas em metade das sessões. É importante notar que existe ainda uma percentagem bastante significativa dos respondentes (22%) que não participaram em quaisquer sessões de capacitação.

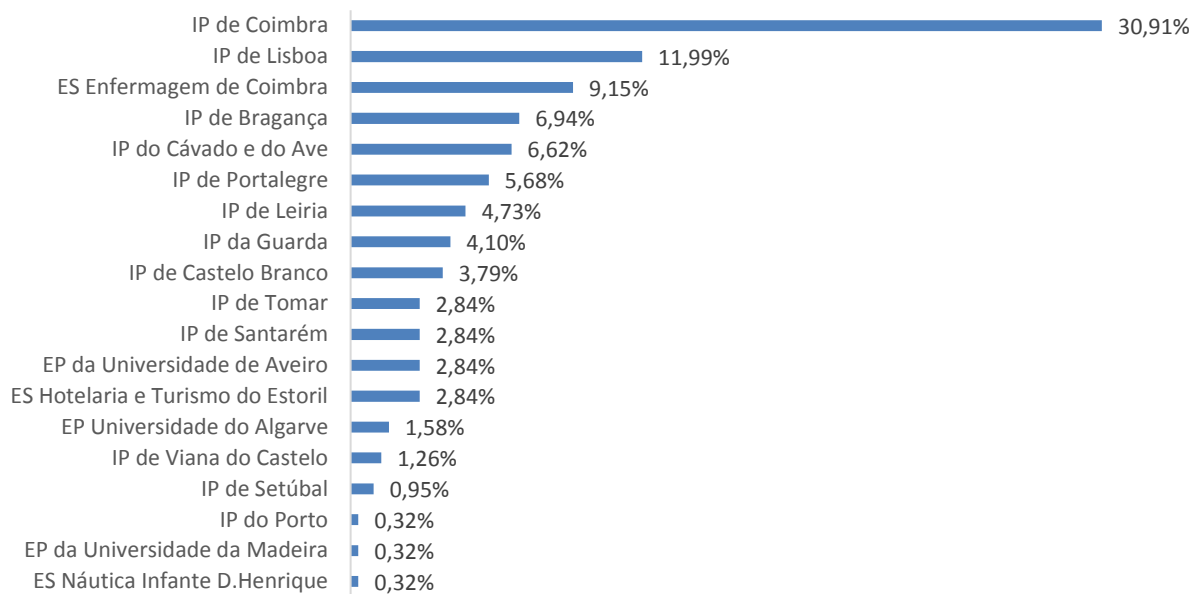


Figura 6 – Representação das Instituições do Ensino Superior na amostra.

5.2 Rastreio Inicial dos dados

5.2.1 Non-response Bias

Para testar o *non-response bias*, foram comparadas as médias das respostas, para cada item das variáveis latentes, entre as primeiras 75% respostas (238 respondentes) e as últimas 25% (79 respondentes), em relação à amostra final. Não foram identificados problemas que indicassem que pudesse haver diferenças entre essas respostas.

5.2.2 Common-method Bias

Por sua vez, para testar o *common-method bias*, foi feito o teste de um fator de Harman's, incluindo todas as variáveis presentes na investigação. A obtenção de um único fator ou de um conjunto de fatores em que um deles explica-se a maioria da variância, indicaria um problema. No entanto, os resultados do teste não indicaram nenhum problema, uma vez que foram encontrados 10 fatores que explicam 74.50% da variância total, sendo que o primeiro fator explica apenas 29.62% da variância total.

5.3 Modelo de Medida

Em primeiro lugar, vai-se analisar o Modelo de Medida (*outer model*), referente às relações entre os itens de medida e as variáveis latentes, e em seguida o Modelo Estrutural (*inner model*), referente às ligações presentes entre as variáveis latentes utilizadas na investigação.

5.3.1 Validade convergente

A medição da validade convergente inclui todas as variáveis latentes que constituem o modelo concetual, sendo que os *loadings* standardizados dos itens devem estar acima dos limites sugeridos de 0,60 a 0,70 (Bagozzi & Yi, 1988, 2012; Garver & Mentzer, 1999). Nas Tabelas V e VI (ver Anexos 6 e 7), é possível verificar que nenhum dos *loadings* ficou abaixo do intervalo referido. No entanto, oito dos itens ficaram dentro do limite.

5.3.2 Validade discriminante

Para avaliar a validade discriminante, mediu-se a variância média extraída (AVE) para todas as variáveis latentes. De seguida, comparou-se a AVE de cada par de variáveis latentes com o quadrado da estimativa de correlação (r^2) entre essas duas variáveis latentes, para verificar a existência de itens de variáveis latentes correlacionados ou não com outros itens de outras variáveis latentes. São aceites valores acima de 0,50 para o valor absoluto da AVE (Fornell & Larcker, 1981). Neste estudo, a AVE variou entre 0.517 e 0.845, estando dentro do limite. Para confirmar a validade discriminante para todas as variáveis latentes, a raiz quadrada da AVE deve ser superior aos valores das correlações (r), ou seja, cada variável latente deve considerar os seus próprios itens melhor do que as outras variáveis (Hair et al., 2009; Ping, 2004). Os resultados apresentados na Tabela VII (ver Anexo 8) confirmam a validade discriminante de todas as variáveis endógenas, uma vez que a raiz quadrada do AVE de cada variável endógena é maior do que as correlações entre essa variável e as outras representadas no modelo.

5.3.3 Fiabilidade

Em termos de fiabilidade, analisou-se o coeficiente de *Alpha de Cronbach* e o *composite reliability* (CR). Conforme apresentado na Tabela V (ver Anexo 6), tanto o *Alfa de Cronbach* como os CR de todas as variáveis endógenas, estão acima do limite de 0,70 (Nunnally, 1978), comprovando a fiabilidade.

5.3.4 Ajuste geral do modelo de medida

Para se proceder à avaliação geral do modelo, devem-se analisar os índices de qualidade do ajuste. O principal objetivo desta análise é verificar se o modelo se ajusta aos dados (Bagozzi & Yi, 2012; Hair et al., 2009; Kline, 2005). Analisou-se um conjunto de índices, entre eles, a estatística qui-quadrado (χ^2) para avaliar o ajuste geral do modelo, testando o valor nulo da hipótese cujo *cutoff point* para o *p-value* é 0,05 ou 0,10 (Bagozzi & Yi, 1988). De seguida, analisou-se o qui-quadrado normalizado (χ^2/df), que representa a estatística do χ^2 ajustada aos seus graus de liberdade (Hair et al., 2009; Iacobucci, 2010). Os valores máximos sugeridos para esta medida oscilam entre 2,0 (Hair et al., 2009), 3,0 (Iacobucci, 2010; Kline, 2005) ou até 5,0 (Bollen & Long, 1992). De seguida, avalia-se o Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA), uma medida importante para o ajuste absoluto, estimando a quantidade de erro de aproximação por grau de liberdade. Considera-se um bom ajuste dentro dos limites de 0,05 ou 0,06 (Bagozzi & Yi, 2012; Hair et al., 2009). O Goodness-of-Fit Index (GFI) indica a quantidade de variância e covariância possivelmente explicada pelo modelo. Os valores desta medida variam de 0,0 a 1,0 indicando um ajuste mau ou perfeito, respetivamente (Bagozzi & Yi, 1988; Diamantopoulos & Siguaaw, 2008). De seguida, são apresentados os índices de ajuste incrementais NFI, CFI e IFI. O Normed Fit Index (NFI) estima a relação entre o valor de χ^2 do modelo hipotético e o χ^2 valor do modelo nulo. Considera-se um bom ajuste para valores acima de 0,90 (Bagozzi & Yi, 1988; Diamantopoulos et al., 2008; Hair et al., 2009). De seguida, o Comparative Fit Index (CFI), compara o ajuste entre dois modelos para os mesmos dados, existindo um modelo hipotético e uma versão simples do modelo (Iacobucci, 2010). O índice varia de 0,0 a 1,0 com um *cutoff point* geralmente igual ou acima de 0,90 (Hair et al., 2009). O Incremental Fit Index (IFI) está relacionado ao CFI, uma vez que também compara o ajuste de dois modelos aos mesmos dados nos quais as variáveis não são correlacionadas. O critério de *cutoff* é 0,90 (Byrne, 1998). Por fim, o Parsimony Goodness-of-Fit Index (PGFI) avalia o ajuste do modelo considerando a sua complexidade baseada no ajuste da GFI por perda de graus de liberdade. São aceites valores acima de 0,50 (Diamantopoulos et al., 2008; Mulaik et al., 1989).

A Tabela II mostra os índices de ajuste do modelo de medida. Os índices gerais e incrementais estão dentro dos limites recomendados, o que indica um bom ajuste do modelo. No entanto, o resultado do NFI é ligeiramente inferior ao limite indicado (0.821).

Tabela II - Ajuste Geral do Modelo de Medida

$$\chi^2 = 4526.262 (p=0.000); df = 2181; \chi^2/df = 2.075$$

$$RMSEA=0.058; NFI=0.821; IFI=0.899; CFI=0.894; GFI=0.706; PGFI=0.657$$

5.4 Ajustamento do Modelo Estrutural

Tal como no modelo de medida, foi realizada uma análise dos índices de qualidade para avaliar o ajuste do modelo estrutural. O objetivo desta análise é verificar se o modelo estrutural se adequa aos dados (Bagozzi & Yi, 2012; Hair et al., 2009; Kline, 2005). A maioria dos índices de qualidade de ajuste do modelo (Tabela III) estão dentro dos limites, indicando um bom ajuste. À semelhança do modelo anterior, o NFI é ligeiramente inferior ao limite indicado (0.815).

Tabela III- Ajuste Geral do Modelo Estrutural

$$\chi^2 = 4749.554 (p=0.000); df = 2315; \chi^2/df = 2.052$$

$$RMSEA=0.058; NFI=0.815; IFI=0.896; CFI=0.895; GFI=0.701; PGFI=0.653$$

5.5 Resultados

O coeficiente de determinação (R^2) permite avaliar a quantidade de variância explicada de cada variável endógena (Hair et al, 2012). Segundo Falk & Miller (1992) este valor deve ser igual ou superior a 10%. Os valores de R^2 obtidos para cada variável latente podem ser consultados na Tabela IV. Por último, avalia-se o nível de significância estatística dos coeficientes estruturais e os respetivos *loadings* (pesos) correspondentes a cada hipótese, para confirmar ou rejeitar as hipóteses propostas. Os resultados podem ser consultados na Tabela IV e na Figura 7.

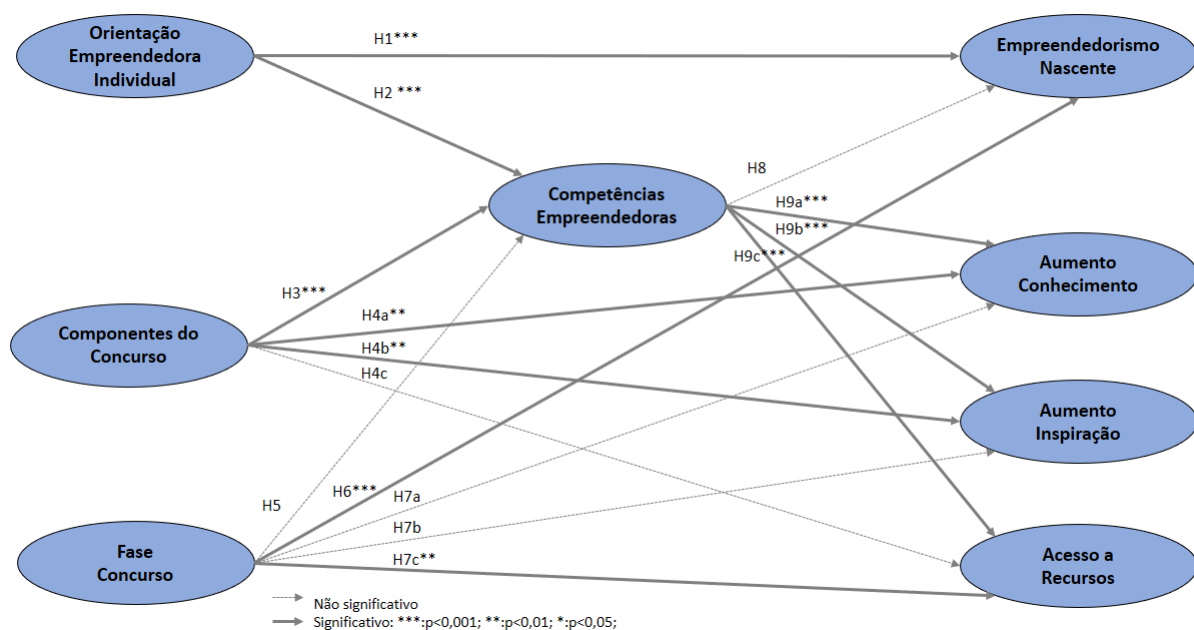


Figura 7 - Modelo Empírico

No presente modelo conceitual, o empreendedorismo nascente é explicado pela orientação empreendedora individual, pela fase de participação no concurso e pelas competências empreendedoras. Estas variáveis latentes explicam cerca de 17% na variância observada em EN. No entanto, as competências empreendedoras não demonstraram uma relação com o EN ($\beta=-0.019$; n.s.), não suportando H8. Porém, quando maior a orientação empreendedora individual, maior o empreendedorismo nascente ($\beta=0.304$; $p<0.001$), revelando uma influência positiva e significativa da OEI no EN, suportando H1. Da mesma forma, quanto mais longe se vai na fase do concurso, maior o empreendedorismo nascente ($\beta=0.288$; $p<0.001$), suportando H6.

As variáveis orientação empreendedora individual, componentes do concurso e fase de participação explicam 35,4% da variância das competências empreendedoras, porém uma das variáveis não é significativa. Os resultados suportam as duas primeiras relações, neste caso, as relações definidas por H2 e H3. Assim, quanto maior a orientação empreendedora individual ($\beta=0.197$; $p<0.001$) e quanto maior participação nos diversos componentes do concurso ($\beta=0.517$; $p<0.001$), maior o desenvolvimento de competências empreendedoras. No entanto, a fase de participação no concurso não se demonstrou relacionada com o desenvolvimento das competências empreendedoras ($\beta=0.04$; n.s.), rejeitando H5.

De seguida, analisou-se a relação entre as variáveis componentes do concurso, fase de participação e desenvolvimento de competências empreendedoras com o aumento do conhecimento, o aumento da inspiração e, por fim, o acesso a recursos. No caso do aumento de conhecimentos, as três variáveis explicam 57.4% da variância observada. Para o aumento da inspiração, as mesmas variáveis explicam 44.1% da variância observada e, por fim, para o acesso a recursos explicam 34.2%. Em todos os casos, duas das variáveis antecedentes não se demonstram significativas.

No caso do aumento de conhecimento e aumento de inspiração, verifica-se uma relação positiva e significativa com o desenvolvimento de competências empreendedoras e com a participação nas diversas componentes do concurso. No caso do acesso a recursos, as hipóteses em que se verifica uma relação com o desenvolvimento de competências empreendedoras e com a fase de participação no concurso, demonstraram-se positivas e significativas. Deste modo, quanto maior o desenvolvimento de competências empreendedoras, maior o aumento do conhecimento ($\beta=0.649$; $p<0.001$), maior o aumento da inspiração ($\beta=0.518$; $p<0.001$), e maior o acesso a recursos ($\beta=0.588$; $p<0.001$). Suportam-se assim H9a, H9b e H9c. Por sua vez, a participação nas várias componentes do concurso apenas se mostrou relacionada com o aumento do conhecimento ($\beta=0.143$; $p<0.01$) e com o aumento da inspiração ($\beta=0.19$; $p<0.01$), não estando relacionada com o acesso a recursos ($\beta=-0.116$; n.s.). Assim, suportam-se as H4a e H4b e rejeita-se H4c. A fase a que se chega no concurso apenas se demonstra positiva e significativamente relacionada com o acesso a recursos ($\beta=0.169$; $p<0.01$), suportando H7c.

Assim, a fase a que se chega no concurso não se relacionou com o aumento do conhecimento ($\beta=0.074$; n.s.), nem com o aumento da inspiração ($\beta=0.075$; n.s.), levando à rejeição de H7a e H7b.

Tabela IV- Resultados do Modelo Estrutural

Relações	Estimate (β)	SE	T-value	R ²	Hip.	Resultado
OEI → EN	0.304	1.706	4.702		H1	Sim (***)
Fase concurso → EN	0.288	1.649	4.228		H6	Sim (***)
CpE → EN	-0.019	1.022	-0.346	0.169	H8	Não (n.s.)
OEI → CpE	0.197	0.082	3.489		H2	Sim (***)
Componentes Concurso → CpE	0.517	0.049	8.426		H3	Sim (***)
Fase concurso → CpE	0.04	0.083	0.808	0.354	H5	Não (n.s.)
Componentes Concurso → AC	0.143	0.047	2.825		H4a	Sim (**)
Fase concurso → AC	0.074	0.08	1.79		H7a	Não (n.s.)
CpE → AC	0.649	0.076	9.786	0.574	H9a	Sim (***)
Componentes Concurso → AI	0.19	0.05	3.191		H4b	Sim (**)
Fase concurso → AI	0.075	0.084	1.571		H7b	Não (n.s.)
CpE → AI	0.518	0.076	7.134	0.441	H9b	Sim (***)
Componentes Concurso → AR	-0.116	0.058	-1.758		H4c	Não (n.s.)
Fase concurso → AR	0.169	0.1	3.103		H7c	Sim (**)
CpE → AR	0.588	0.09	7.137	0.342	H9c	Sim (***)

Nota: *** p<0.001; ** p<0.01; * p<0.05.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo vão-se discutir os resultados da investigação empírica e, simultaneamente, realçar as principais descobertas e contribuições para o campo dos concursos de empreendedorismo e da educação para o empreendedorismo. Esta investigação tentou responder à falta de estudos sobre os resultados dos concursos de empreendedorismo na ótica do participante (Ross & Byrd, 2010). Assim, foi desenvolvido um modelo concetual que compreende oito variáveis, entre elas, aspetos resultantes da participação no concurso (componentes e fase de participação no concurso), características dos participantes (orientação empreendedora individual), comportamento dos participantes (empreendedorismo nascente) e, por fim, benefícios da participação no concurso (desenvolvimento de competências empreendedoras, aumento do conhecimento, aumento da inspiração e acesso a recursos). Cerca de 2/3 das hipóteses foram suportadas pelos resultados da investigação.

O empreendedorismo nascente tem como antecedente a orientação empreendedora individual. Isto revela que as características de personalidade dos participantes como a capacidade de inovação, pró-atividade e maior propensão ao risco vão levar a uma maior tendência para comportamentos empreendedores, incluindo a execução de tarefas com o objetivo de criar um negócio. Esta descoberta revela-se uma contribuição para o campo da

OEI e do EN, uma vez que não foram encontrados estudos que relacionassem estas duas variáveis. No entanto, seria também interessante estudar a relação entre cada uma das dimensões que constituem a OEI e o EN, para uma análise mais aprofundada. Comprovou-se também que a fase a que se chega no concurso, vai influenciar o empreendedorismo nascente. Ou seja, quem chega a uma fase mais posterior no concurso, como a fase nacional no caso do Poliempreende, irá executar mais tarefas para criar um negócio, em comparação com quem fica apenas por uma das fases regionais. Isto vai ao encontro dos resultados obtidos por Thomas et al. (2014), onde se pode concluir que quanto mais posterior a fase a que se chega no concurso, maior os possíveis impactos sentidos pelos participantes.

As características de personalidade dos participantes já anteriormente mencionadas, relacionadas com a OEI, vão também permitir que os participantes desenvolvam com maior facilidade competências empreendedoras, tais como, a pesquisa/criatividade, o planeamento/gestão, a organização, a ambiguidade e conhecimentos financeiros. Estes resultados estão também em linha com os argumentos de Ibrahim & Lucky (2014), segundo os quais estas competências são um fator muito importante para um empreendedor ser bem-sucedido e desenvolver um negócio de sucesso.

As componentes do concurso, que se traduzem em sessões de capacitação, em *workshops*, em acesso a mentores, feedback de júris, conversas com empresários, eventos de *networking*, acesso a redes de inovação, oportunidades de ganhar prémios, reconhecimento, acesso a investidores, entre outros, que acontecem através da participação nos concursos e que tem uma componente de educação empreendedora, mostraram a capacidade de estimular o desenvolvimento das competências empreendedoras. Isto vem corroborar os estudos de Russell et al. (2008), Qureshi et al. (2016), Carvalho (2009) e Galvão (2019). As componentes do concurso também mostraram impacto ao nível do aumento dos conhecimentos, o que é compreensível sobretudo através das sessões de capacitação e de *workshops*, que oferecem conhecimento específicos para abertura de negócio, proteção de propriedade industrial, como aceder a financiamento, como fazer apresentações, entre outros, tal como sugerido por Mosey et al. (2006; 2010) e por Berger (2012). De forma similar, as componentes do concurso mostraram-se relacionadas com o aumento da inspiração, o que se pode explicar, por exemplo, pela existência de conversas com empresários e de eventos de *networking* entre as componentes. Este resultado vai ao encontro das conclusões dos estudos de Soutaris et al.

(2007) e de Berger (2012). No entanto, e ao contrário do espectável, os diversos componentes do concurso, não se demonstraram relevantes para o acesso a recursos, contrariando a visão de Russell et al. (2008) que afirmavam que o acesso a recurso era o maior benefício da participação nos concursos. Estas descobertas constituem uma contribuição importante para o campo dos concursos de empreendedorismo. É de notar que, até então, a atenção empírica dava-se, sobretudo, no estudo das competências empreendedoras (Russell et al, 2008; Qureshi et al., 2016, Galvão, 2009; Galvão, 2019), estando os outros benefícios (AC, AI e AR) menos explorados. Assim, podem-se desenhar melhor os caminhos para obter os resultados desejados, ou potencializar os benefícios percebidos pelos participantes.

Por sua vez, a fase a que se chega no concurso, que no presente caso se divide entre i) regional: ideia de negócio, ii) regional: plano de negócio e iii) nacional, pressupõe que à medida que se avança na competição, em mais atividades se pode participar, há mais tempo para desenvolver a ideia/projeto e há acesso a prémios maiores (não apenas financeiros). Assim, comprovou-se que a fase a que se chega no concurso está relacionada com o acesso a recursos. Uma possível explicação, poderá estar relacionada com o tempo que se permanece na competição, traduz-se na maior possibilidade de se assistir a mais *workshops* e sessões de capacitação, havendo mais momentos para obter *feedback* de júris e de mentores, participando-se em mais eventos de *networking* e havendo mais momentos para aceder a investidores e a redes de inovação. Por outro lado, quanto mais longe a fase a que se chega, maior os prémios e o reconhecimento que se pode obter. Ainda assim, os resultados mostram que a fase de participação não se mostrou relacionada com o desenvolvimento de competências empreendedoras, nem com o aumento do conhecimento ou da inspiração. Estes resultados podem ser explicados pelas conclusões de Russell et al. (2008), segundo os quais os participantes percebem igualmente os benefícios, independentemente da fase em que ficam na competição.

Por fim, mostrou-se que quanto maior o desenvolvimento de competências empreendedoras, maior o aumento do conhecimento, a inspiração e a possibilidade de aceder a recursos. Assim, a aquisição destas competências demonstra-se fulcral para potenciar os restantes benefícios. Vários investigadores entenderam que, face às características dos empreendedores académicos, ou seja, existência de défice de capital social e capital intelectual, os concursos de empreendedorismo permitem desenvolver competências empreendedoras que, por sua

vez, ajudam na aquisição de diversos conhecimentos, servem como motivação e permitem aceder a mais recursos (Mosey et al., 2006, 2010, 2012; Huffman & Quigley, 2002). Numa análise mais aprofundada, consegue-se perceber que o aumento de conhecimento, o aumento de inspiração e o acesso a recursos, está mais fortemente relacionado com o desenvolvimento de competências empreendedoras do que diretamente com a participação nos diversos componentes do concurso. Pode-se depreender daqui que, com a participação nos diversos componentes dos concursos, os participantes têm a oportunidade de desenvolver as suas competências empreendedoras e, após isso, potenciar o aumento dos seus conhecimentos, ganhar mais inspiração e motivação para o empreendedorismo e, por fim, têm maior acesso a recursos. No entanto, as competências empreendedoras não se mostraram relacionadas com o empreendedorismo nascente, ou seja, a aquisição das diversas aptidões não vai estimular comportamentos empreendedores. Este resultado vai contra o expectável, uma vez que Schwartz et al. (2013) concluíram que um dos efeitos dos concursos era aumentar a quantidade e qualidade da atividade empreendedora através do desenvolvimento de diversas competências.

No geral, a maioria dos resultados foi consistente com as expectativas do suporte empírico do modelo concetual. De seguida serão apresentadas as principais conclusões deste estudo.

7. CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E FUTURAS INVESTIGAÇÕES

7.1 Conclusões principais

O principal objetivo desta investigação passava por identificar e explorar os benefícios individuais dos participantes em concursos de empreendedorismo com uma vertente de educação em empreendedorismo, analisando esses benefícios num modelo mais complexo de determinantes desses mesmos benefícios. A definição deste objetivo principal do estudo resultou da identificação de falta de análise empírica dos benefícios dos concursos, já identificada por vários autores (e.g. Ross & Byrd, 2010; Thomas et al., 2014). Deste modo, construiu-se um modelo concetual baseado nas relações entre a personalidade e comportamentos do participante, as características da sua participação no concurso e, por fim, nos benefícios de participação.

Concluiu-se com este trabalho que o comportamento do participante em relação ao comportamento empreendedor (ou seja, o EN) é influenciado por características inerentes à sua personalidade (ou seja, a OEI) e por uma participação mais longa no concurso (ou seja,

por conseguir chegar a uma fase posterior na competição) uma vez que poderá desenvolver mais atividades e tarefas. No entanto, contrariamente ao expectável, o desenvolvimento de competências empreendedoras não se relaciona com o empreendedorismo nascente, ou seja, com o referido comportamento empreendedor.

A fase a que se chega aquando da participação no concurso não se relaciona com o aumento de competências empreendedoras, nem com o aumento do conhecimento ou da inspiração, ou seja, em qualquer uma das fases em que os participantes fiquem, vão perceber igualmente os benefícios dos concursos. Porém, provou-se que quanto mais longe se vai na competição, maior o acesso a recursos.

Por fim, é a orientação empreendedora individual, juntamente com a participação no concurso através dos seus diversos componentes com características educacionais, que provocam o desenvolvimento das competências empreendedoras que, por sua vez, ajudam os participantes a potenciar o aumento dos seus conhecimentos, a inspirá-los para iniciativas empreendedoras e a ter capacidade para aceder a diversos recursos.

7.2 Implicações teóricas

A presente investigação contribui para dois níveis de desenvolvimento teórico: para os concursos de empreendedorismo e, de seguida, para a educação em empreendedorismo. A estrutura teórica bem como os resultados empíricos, sustentam a complexidade do campo em estudo. Esta investigação foi uma das primeiras a analisar os resultados dos concursos de empreendedorismo ao nível dos benefícios para o participante, fugindo à tradicional análise de criação de empresas. Revela-se assim um estudo inovador ao relacionar características de personalidade, características comportamentais, de participação no concurso e a respetiva relação com os benefícios.

A comprovação de que é o desenvolvimento de competências empreendedoras que vai potenciar quer o aumento de conhecimentos, quer o aumento da inspiração e o melhor acesso a recursos através da participação em CcE com uma componente educativa, tem implicações teóricas mais amplas em relação ao estudo geral sobre as competências analisadas, a sua implicação no empreendedorismo e em cada um dos restantes benefícios. Além disto, este estudo revela a relação entre a aquisição de benefícios e a participação nas diversas componentes dos CcE e das suas fases. Por fim, o estudo introduz também relações

entre a OEI, as CpE e o EN que, até ao meu conhecimento atual, ainda não tinham sido estudadas.

Estes resultados fornecem uma compreensão ampla, não apenas no que diz respeito a quais os benefícios que podem ser percebidos pelos participantes, mas também à sua relação com as características dos concursos que têm por base a educação empreendedora, e das características e comportamentos dos empreendedores.

7.3 Implicações práticas

As implicações práticas deste estudo podem ser analisadas em três óticas distintas: (a) organizadores de concurso, (b) participantes em concurso e (c) políticas públicas.

Para os organizadores, esta investigação permite melhorar a abordagem dos programas dos CcE, uma vez que agora se compreende melhor o processo de aquisição de benefícios. Assim, recomenda-se a organização de atividades (ou seja, componentes) que estimulem o desenvolvimento inicial de competências empreendedoras, para de seguida aumentar a captação dos restantes benefícios (aumento de conhecimentos, inspiração e acesso a recursos). Sugere-se também que os mentores (académicos e/ou profissionais) queiram não apenas ensinar empreendedorismo, mas também mudar 'corações e mentes', inspirando os participantes (Soutaris et al. 2007) e integrando os diversos benefícios nas várias atividades.

Ao nível dos participantes, provou-se que as características de personalidade vão influenciar o desenvolvimento de competências empreendedoras e, consecutivamente, dos restantes benefícios. Assim, revela-se importante, por exemplo, a escolha adequada dos elementos que constituem a equipa de participação. Para conseguir usufruir o máximo possível dos concursos, é também recomendável aos empreendedores a participação mais assídua possível nas diversas atividades que constituem as componentes do concurso, uma vez que, à partida, elas serão desenhadas para estimular os vários benefícios identificados. Por exemplo, *workshops* e palestras com professores/profissionais de áreas técnicas (como financeira, por exemplo) para desenvolver competências e aumentar conhecimentos, conversas com empreendedores de sucesso para aumentar a inspiração e participação em eventos de *networking* para conseguir aceder a mais recursos.

Por fim, numa ótica de políticas públicas, uma vez que se comprovou os diversos benefícios a nível individual, a EE deve continuar a ser uma prioridade política na EU, através de

metodologias como os CcE. Assim, devem ser criadas medidas para que este tipo de atividades sejam implementadas nos *currícula* dos diversos graus de ensino, bem como para criar quadros de referência e outros instrumentos que permitam operacionalizar esta competência transversal nos vários contextos educativos.

7.4 Limitações e Investigação Futura

As limitações deste trabalho estão associadas à exclusão de alguns itens de variáveis por falta de fiabilidade, nomeadamente para a variável endógena “acesso a recursos”. Além disso, tentou-se manter a estrutura do modelo concetual relativamente simples, o que implicou a exclusão de algumas variáveis inicialmente presentes no questionário. Exemplos disso são as Big Five da personalidade (*openess to experience, consciouceness, extrevertion, agrebleness e emotional neuroticism*) e o *perceived behavioral control*. Embora tenha sido uma decisão consciente, a sua inclusão poderia levar a relações diferentes e interessantes de serem exploradas.

Além disto, poder-se-ia também ter auscultado os participantes em dois momentos, ou seja, antes e após a participação no concurso, para medir a evolução dos participantes nas variáveis em análise. Por outro lado, este estudo é a representação de um concurso num país, podendo as conclusões não serem reproduzidas de igual forma em diferentes ambientes.

Quanto às linhas de investigação futura, propomos o estudo de uma estrutura ainda mais ampla, ou a inclusão das variáveis que foram retiradas deste estudo, explorando a elevada complexidade do campo da EE e, em particular, dos CcE.

Em relação à literatura da EE, futuros investigadores podem abordar a existências de outros potenciais benefícios dos concursos, para além das competências, conhecimentos, inspiração e recursos. Pode, por exemplo, ser estudado o efeito não apenas da EE em si (como é feito neste estudo), mas a abordagem do que o indivíduo gosta (ou seja, introdução da variável autorrealização). Um caminho interessante para novas investigações baseia-se no estudo da relação entre os benefícios percebidos pelo participante e o conjunto de componentes oferecidas (ou seja, que componentes oferecer para aumentar a probabilidade do participante obter benefícios). Esta linha de investigação exigiria uma investigação que analisá-se diferentes programas com diferentes níveis de ofertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adeyemo, S. A. (2009). Understanding and acquisition of entrepreneurial skills: A pedagogical re-orientation for classroom teacher in science education. *Journal of Turkish science education* 6(3), 57-65.
- Aldrich, H. (1999). *Organizations Evolving*, London: Thousands Oaks.
- Anderson, B. S., & Eshima, Y. (2013). The influence of firm age and intangible resources on the relationship between entrepreneurial orientation and firm growth among Japanese SMEs. *Journal of Business Venturing*, 28, 413–429.
- Antonello, C.S. (2005). *A metamorfose da aprendizagem organizacional: Uma revisão crítica*. Porto Alegre: Bookman.
- Arthur, S., & Hisrich, R. (2011). Entrepreneurship through the ages: Lessons learned. *Journal of Enterprise Culture* 19(1), 1-40.
- Avlonitis, G. J., & Salavou, H. E. (2007). Entrepreneurial orientation of SMEs, product innovativeness, and performance. *Journal of Business Research* 60(5), 566-575.
- Bagozzi, R. & Yi, Y. (1988). On the Evaluation of Structural Equation Models. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 16, 74-94.
- Bagozzi, R. P., & Yi, Y. (2012). Specification, evaluation, and interpretation of structural equation models. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 40, 8-34.
- Barnett, V. (1991). *Sample Survey Principles and Methods*, 2a Ed. New York: Oxford University Press.
- Baron, R.A., & Markman, G.D. (2000). Beyond social capital: The role of social skills in entrepreneurs' success. *Academy of Management Executive* 14, 1–15.
- Bell, J., (2010). Student business plan competitions: who really does have access? *Small Business Institute* 34(1), 18–25.
- Berger, J. & Myhrer, A., (2012). The Effect of Business Plan Competitions on Entrepreneurial Intention and Behavior. *Norwegian University of Science and Technology*.
- Blanchflower, D. G. (2004). Self-Employment: More May Not Be Better, *NBER Working Paper* No. 10286.
- Bollen, K. A., & Long, J. S. (1992). Tests for structural equation models. *Sociological Methods and Research*, 21, 123-31.
- Bolton, D. & Lane, M. (2012). Individual entrepreneurial orientation: development of a measurement instrument. *Education + Training*, Vol. 54 No. 2/3, 219-233.

- Byrne, B. M. (2013). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Routledge.
- Cadenhead, G. M. (2003). The Moot Corp Competition, in Gary D. Libecap (ed.) *Issues in Entrepreneurship. Advances in the Study of Entrepreneurship, Innovation & Economic Growth*, Volume 14, pp. 219 - 251
- Carvalho, A., (2009). In search of excellence - Innovation contests to foster innovation and entrepreneurship in Portugal. Universidade de Évora. *Artigo apresentado na conferência "The XX ISPIM Conference – The future of innovation"*, 21 a 24 de Junho de 2009, Viena, Austria.
- Churchill Jr, G. A. (1979). A paradigm for developing better measures of marketing constructs. *Journal of Marketing Research*.
- Comissão Europeia. (2004). *Relatório Final do Grupo de Peritos – Educação para o Desenvolvimento do Espírito Empresarial – Fomentar a Promoção das Atitudes e Competências Empresariais no Ensino Básico e Secundário*. Bruxelas.
- Comissão Europeia. (2006). *Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Bruxelas.
- Comissão Europeia. (2008). *Um «Small Business Act» para a Europa*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão Europeia. (2012). *A Comissão apresenta nova estratégia «Repensar a Educação»*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão Europeia. (2013a). *Educação para o empreendedorismo: Guia para educadores. Bruxelas: Empreendedorismo 2020*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão Europeia. (2013b). *Plano de Ação "Empreendedorismo 2020". Realçar o espírito na Europa*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão Europeia. (2015). *Competências em empreendedorismo: uma visão geral dos conceitos, políticas e iniciativas existentes*. Luxemburgo: Comissão Europeia.
- Cooper, C. E., Hamel, S. A. & Connaughton, S. L. (2012). Motivations and obstacles to networking in a university business incubator, *Journal of Technology Transfer* 37(4), 433–453.
- Cooper, S., Bottomley, C., & Gordon, J. (2004). Stepping out of the classroom and up the ladder of learning: An experiential learning approach to entrepreneurship education. *Industry and Higher Education* 18(1), 11–22.
- Cornel, C. (2014). *The metamorphosis of business plan competitions*. Acesso a 23 de abril, disponível em https://www.academia.edu/6440818/the_metamorphosis_of_business_plan_competition S.

- Covin, J. G., & Slevin, D. P. (1989). Strategic management of small firms in hostile and benign environments. *Strategic management journal* 10(1), 75-87.
- Covin, J. G., & Slevin, D. P. (1991). A conceptual model of entrepreneurship as firm behavior. *Entrepreneurship theory and practice* 16(1), 7-26.
- Dantas, E. B. (2008). *Empreendedorismo e Intra-Empreendedorismo: E preciso aprender a voar com os pés no chão*. Acesso a 24 de abril, disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/dantas-edmundo-empreendedorismo.pdf>
- De Carolis, D.M., & P. Saporito. (2006). Social capital, cognition, and entrepreneurial opportunities: A theoretical framework. *Entrepreneurship Theory and Practice* 30, 41–56.
- Diamantopoulos, A., Sigauw, J. A., & Sigauw, J. A. (2008). *Introducing LISREL: A guide for the uninitiated*. London: Sage.
- Dickson, P. H., & Weaver, K. M. (2008). The role of the institutional environment in determining firm orientations towards entrepreneurial behavior. *International Entrepreneurship Management Journal*, 4(4), 467–483.
- Dodt, A., Stein, L. & Strack, S. (1999). Do-it-yourself Silicon Valley: Using business plan competitions to spur innovation. *The McKinsey Quarterly* 3, 61–69.
- Draycott, M. C., Rae, D., & Vause, K. (2011). The assessment of enterprise education in the secondary education sector: a new approach? *Education + Training* 53(8/9), 673–691.
- Durand, T (2006) *L'alchimie de la compétence*. *Revue française de gestion*, n. 160. 261-291.
- Falk, R. & Miller, N. (1992). A primer for soft modelling. *University of Akron Press*.
- Fayolle, A., & Gailly, B. (2004). *Using the theory of planned behaviour to assess entrepreneurship teaching programs: a first experimentation*. IntEnt2004 Conference, (July), 4-7.
- Fayolle, A., & Klandt, H. (2006). *International Entrepreneurship Education: Issues and Newness*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing.
- Felício, J. A., Caldeirinha, V. R., & Ribeiro-Navarrete, B. (2015). Corporate and individual global mind-set and internationalization of European SMEs. *Journal of Business Research*, 68, 797-802.
- Fini, R., Grimaldi, R. & Sobrero, M. (2009). Factors fostering academics to start up new ventures: An assessment of Italian founders' incentives, *Journal of Technology Transfer* 34(4), 380–402.
- Fontes, M. (2016). *Desenvolvimento de competências empreendedoras em contexto escolar: Estudo do impacto de uma intervenção*. Tese para obtenção do Grau de Doutor em Psicologia pela Universidade da Beira Interior.

- Foo, M. D. (2010). Member experience, use of external assistance and evaluation of business ideas, *Journal of Small Business Management* 48(1), 32–43.
- Foo, M. D., Wong, P. K. & Ong, A. (2005) Do others think you have a viable business idea? Team diversity and judges' evaluation of ideas in a business plan competition, *Journal of Business Venturing* 20, 385–402.
- Fornell, C. & Larcker, D.F. (1981). Evaluating Structural Equation Models with Unobservable Variables and Measurement Error. *Journal of Marketing Research* 18, 39-50.
- Frank, H. (2003). Das Gründen von Unternehmen — eine systemtheoretische Analyse unter besonderer Berücksichtigung des Vorgründungsprozesses. K. Walterscheid (ed). *Entrepreneurship in Forschung und Lehre*, Peter Lang: Frankfurt, 91–108.
- Galvão, A. (2019). A importância da Formação em Empreendedorismo no Desenvolvimento Regional: O Programa de Empreendedorismo na Região do Sabor. Tese para obtenção do Grau de Doutor em Gestão. Universidade da Beira Interior.
- Gartner, W.B., Vesper, K.H. (1994). Experiments in entrepreneurship education: successes and failures. *Journal of Business Venturing* 9 (3), 179–187.
- Garver, M. S. & Mentzer, J. T. (1999). Logistics Research Methods: Employing Structural Equation Modeling to Test for Construct Validity. *Journal of Business Logistics*, 20, 33-57.
- Gaspar, F.C. & Pinho, L.F. (2009). The importance of entrepreneurship competitions to spread entrepreneurship spirit and to support startup creation: a survey in Portugal. Congresso da APDR, 15, Cidade da Praia.
- GEM. (2010). GEM Portugal 2010 - Estudo sobre o Empreendedorismo. Acesso em 24 de julho de 2019, disponível em <http://www.gemconsortium.org>
- Gibb, A. (2002). In pursuit of a new “enterprise” and “entrepreneurship” paradigm for learning: creative destruction, new values, new ways of doing things and new combinations of knowledge. *International Journal of Management Reviews*.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analysis (7th Ed.)*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Hair, J. F., Sarstedt, M., Ringle, C. M. & Mena, J. M. (2012). An assessment of the use of partial least squares structural equation modelling in marketing research. *Journal of the Academy of Marketing Science* 40 (3), 414-433.
- Hambrick, D. C., & Mason, P. A. (1984). Upper echelons: the organization as a reflection of its top managers. *Academy of Management Review*, 9, 193–206.
- Hansen, J. D., Deitz, G. D., Tokman, M., Marino, L. D., & Weaver, K. M. (2011). Cross-national invariance of the entrepreneurial orientation scale. *Journal of Business Venturing*, 26, 61–78.

- Haus, I., Steinmetz, H., Isidor, R., & Kabst, R. (2013). Gender effects on entrepreneurial intention: A meta-analytical structural equation model. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 5, 130-156.
- Huffman, D. & Quigley, J., (2002). The role of the university in attracting high tech entrepreneurship: A Silicon Valley tale. *The Annals of Regional Science* 36(3), 403–419.
- Iacobucci, D. (2010). Structural equations modeling: Fit indices, sample size, and advanced topics. *Journal of Consumer Psychology*, 20, 90-98.
- Ibrahim, A., & Lucky, I. (2014). Relationship between entrepreneurial orientation, entrepreneurial skills, environmental factor and entrepreneurial intention among Nigerian students in UUM. *Entrepreneurship and Innovation Management Journal* 2(4), 203-213.
- Johansen, V. (2014). Entrepreneurship Education and Academic Performance. *Scandinavian Journal of Educational Research* 58(3), 300-314.
- Lackéus, M., & Middleton, K. W. (2015). Venture creation programs: bridging entrepreneurship education and technology transfer. *Education + Training*.
- Liñán, F. (2008). Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? *International Entrepreneurship and Management Journal* 4(3), 257–272.
- Lopes, R. M. A. (2010). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. São Paulo: Elsevier Editora.
- Lumpkin, G. & Dess, G. (1996). Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. *Academy of Management Review* 21, 135–172.
- Karlsson, T. (2005). *Business Plans in New Ventures*. JIBS Dissertation Series 30.
- Kessler, A.; Hermann, F; Korunka, C; Lueger, M. (2012). Predicting founding success and new venture survival: a longitudinal nascent entrepreneurship approach. *Journal of Enterprising Culture*.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling (2nd Ed.)*. New York: Guilford Press.
- Korhonen, M., Komulainen, K. J., & Rätty, H. (2012). Not Everyone is Cut Out to be the Entrepreneur Type”: How Finnish School Teachers Construct the Meaning of Entrepreneurship Education and the Related Abilities of the Pupils. *Scandinavian Journal of Educational Research* 56(1), 1–19.
- Kuratko, D. F. (2005). The Emergence of Entrepreneurship Education: Development, Trends, and Challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice* 29(5), 577–598.
- Manigart S., Sapienza, H., & Vermeir W. (1996). Venture capitalist governance and value-added in four countries. *Journal of Business Venturing* 11(6), 439-469.

- Mars, M. M., & Rios-Aguilar, C. (2010). Academic entrepreneurship (re)defined: Significance and implications for the scholarship of higher education. *Higher Education* 59(4), 441-460.
- McGee, J. E., Peterson, M., Mueller, S. (2009). Entrepreneurial Self-Efficacy: Refining the Measure. *Entrepreneurship: Theory and Practice* 33(4), 965-988.
- Meyer, B., Meyer, M., & Distelkamp, M. (2012). Modelling green growth and resource efficiency: New results. *Mineral Economics* 24(2-3), 145-154
- Miller, D. (1983). The correlates of entrepreneurship in three types of firms. *Management science* 29(7), 770-791.
- Ministério da Economia. (2018). Estratégia Nacional para o Empreendedorismo: 2 anos de StartUP Portugal.
- Mosey, S., D. Ucbasaran, & A. Lockett. (2010). Evaluation of the biotechnology young entrepreneurs scheme past participants aspirations and destinations, *University of Nottingham, UK*.
- Mosey, S., Lockett, A., & Westhead P. (2006). Creating network bridges for university technology transfer: The Medici fellowship scheme. *Technology Analysis and Strategic Management*, 71-91.
- Mosey, S., Noke, H. & Binks, M., (2012). The influence of human and social capital upon the entrepreneurial intentions and destinations of academics. *Technology Analysis & Strategic Management* 24(9), 893-910.
- Mulaik, S. A., James, L. R., Van Alstine, J., Bennett, N., Lind, S., & Stilwell, C. D. (1989). Evaluation of goodness-of-fit indices for structural equation models. *Psychological Bulletin*, 105, 430-445.
- Mwasalwiba, E. (2010). Entrepreneurship education: a review of its objectives, teaching methods, and impact indicators. *Education + Training*.
- Nunnally, J.C. (1978). *Psychometric theory*. 2ª. Ed. New York: McGraw-Hil.
- OCDE. (2004). *Promoting Entrepreneurship and Innovative SMEs in a Global Economy - Towards a More Responsible and Inclusive Globalisation*.
- OCDE. (2009). *Evaluation of Programmes Concerning Education for Entrepreneurship*.
- OCDE. (2015). *OECD Skills Outlook 2015: Youth, Skills and Employability*. OECD Publishing.
- Oakes, L. S., Townley, B., & Cooper, D. J. (2012). *Business Planning as Pedagogy: Language and Control in a Changing Institutional Field*. *Administrative Science Quarterly* 43(2), 257- 292.
- Paiva, T., Alves, L., C., Sampaio, J. (2019). Poliempreende Project: A Validated Methodology for Entrepreneurship Education

- Paiva, T., Alves, L., Pato, L., Cruz, C., Sampaio, J. (2018). O Projeto Poliempreende e o Projeto Pin. *As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo*. 4-12.
- Parreira, Pedro; Carvalho, Carla; Mónico, Lisete; Santos, Ana. (2017). Empreendedorismo no ensino superior: Estudo psicométrico da escala de Oportunidades e Recursos para Empreender. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*.
- Ping, R. A. (2004). On assuring valid measures for theoretical models using survey data. *Journal of Business Research*, 57, 125-141.
- Pittaway, L., & Edwards, C. (2012). Assessment: examining practice in entrepreneurship education. *Education + Training* 54(8/9), 778–800.
- Podasakoff (2003). Common Method Biases in Behavioral Research: A Critical Review of the Literature and Recommended Remedies. *Journal of Applied Psychology*.
- Qureshi, M. S., Shahid, S., Wasti, S. W. M. (2016). The impact of various entrepreneurial interventions during the business plan competition on the entrepreneur identity aspirations of participants. *Jornal of Global Entrepreneurship Research* 6, 1-18.
- Proença, S. & Sanches, P. (2016). Práticas de Educação para o Empreendedorismo – o caso do Politécnico de Coimbra. *Atas das II Jornadas Ensino do Empreendedorismo*.
- Rae, D., Martin, L., Antcliff, V., & Hannon, P. (2012). Enterprise and entrepreneurship in English higher education: 2010 and beyond. *Journal of Small Business and Enterprise Development*.
- Rasmussen, E., S. Mosey, and M. Wright. (2011). The evolution of entrepreneurial competencies: A longitudinal study of university spin-off venture emergence. *Journal of Management Studies* 48(6), 1314–45.
- Rauch, A., Wiklund, J., Lumpkin, G. T., & Frese, M. (2009). Entrepreneurial orientation and business performance: an assessment of past research and suggestions for the future. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 33, 761–787.
- Reynolds, P.D. (2000). National Panel Study of U.S. Business Start-Ups: Background and Methodology. *Databases for the study of entrepreneurship*, JAI Press, Amsterdam, 153–227.
- Reynolds, P. D., Bygrave, B. & Hay, M.. (2003). *Global Entrepreneurship Monitor Report*, Kansas City, MO: E. M. Kauffman Foundation.
- Reynolds, P. D., William, D. B. & Erkkö, A. (2004). *Global Entrepreneurship Monitor*. 2003 Executive Report, Kansas City: Ewing Marion Kauffman Foundation
- Robinson, S., & Stubberud, H. A. (2014). Elements of entrepreneurial orientation and their relationship to entrepreneurial intent. *Journal of Entrepreneurship Education*, 17(2), 1–12.

-
- Ross, L.W. & Byrd, K.A. (2010). Leveraging E-Commerce Platforms for Business Plan Competitions: Linking Pedagogy and Practice. *E-Business Review*. Spring 2010.
- Ross, L. W., & Byrd, K. A. (2012). University-Based Business Plan Competitions: Does Institutional Environment Affect Participation and Outcomes? In NCIIA 2012 Conference Proceedings, 1-6.
- Russell, R., Fredline, E., Atchison, & Brooks, R. (2008). Business plan competitions in tertiary institutions: encouraging entrepreneurship education, *Journal of Higher Education Policy and Management* 2, 123–138.
- Russell, Roslyn, Fredline, L., Atchison, M., King, A., O’Conner, R., & Brooks, R. (2004a) *The Role and Impact of Business Plan Competitions, Final report*. RMIT Business.
- Russell, Roslyn, Atchison, M., & Brooks, R. (2004b), Business plan competitions in tertiary institutions: encouraging entrepreneurship education, *Journal of Higher Education Policy and Management* 30(2), 123-138.
- Salim, C. S., & Silva, N. C. (2010). *Introdução ao Empreendedorismo, Despertando a Atitude Empreendedora*. Brasil: Elsevier.
- Sarkar, S. (2010). *Empreendedorismo e Inovação*, 2ª ed. Lisboa: Escolar Editora.
- Saunders, M., Lewis, P. & Thornhill, A. (2012). *Research Methods for Business Students*, 6ª ed. Pearson Education.
- Schoon, I., Gutman, L., & Sabates, R. (2012). Is uncertainty bad for you? It depends... *New directions for youth development* 128, 85–94.
- Schumpeter, J. A. (1939). A Theoretical, Historical, and Statistical Analysis of the Capitalist Process. *Business Cycles*. New York: McGraw-Hill.
- Schumpeter, J. A. (1942). *Capitalism, socialism, and democracy*. New York: Harper.
- Schwartz, M., Goethner, M., Michelson, C. & Waldmann, N. (2013). Start-up Competitions as an Instrument of Entrepreneurship Policy: The German Experience. *European Planning Studies* 21(10), 1578-1597.
- Shepherd, A., & DeTienne, R. (2005). Prior knowledge, potential financial reward, and opportunity identification. *Entrepreneurship Theory and Practice* 29, 91–112.
- Souitaris, V., Zerbinati, S., & Al-Laham, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing* 22(4), 566-591.
- Thomas, D., Gudmundson, D., Turner, K., & Suhr, D. (2014). Business Plan Competitions and Their Impact on New Venture’s Business Models. *Journal of Strategic Innovation and Sustainability* Vol. 10(1)
- Thompson, R. (2009). Individual Entrepreneurial Intent: Construct Clarification and Development of an Internationally Reliable Metric. *Sage journals*.
-

-
- Thrash, T.M., & Elliot, A., (2003). Inspiration as a psychological construct. *Journal of Personality and Social Psychology* 84 (4), 871–889.
- Thurik, A. R., Uhlaner L. M. & Wennekers, S. (2002) Entrepreneurship and Its Conditions: A Macro Perspective. *International Journal of Entrepreneurship Education* 1(1), 25–64.
- Tjosvold, D., & D.Weicker. (1993). Co-operative and competitive networking by entrepreneurs: A critical incident study. *Journal of Small Business Management* 31, 193–213.
- Ullman, J. B. (2006). Structural equation modeling: Reviewing the basics and moving forward. *Journal of Personality Assessment*, 87, 35-50.
- UNESCO-ILO. (2006). *Towards an entrepreneurial culture for the twenty-first century*. Paris: UNESCO.
- Valente, F., & Costa, T. (2018). Políticas e programas de empreendedorismo no Ensino Superior em Portugal. *As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo*. 15-31.
- Vestergaard, L., Moberg, K., & Jorgensen, C. (2012). *Impact of Entrepreneurship Education in Denmark - 2011*. Odense: The Danish Foundation for Entrepreneurship – Young Enterprise. 1042-2587.
- Webb, D. (2010). *Evaluation of Biotechnology YES: Final report*. London: DTZ.
- Wright, K. B. (2005). Researching Internet-based populations: Advantages and disadvantages of online survey research, online questionnaire authoring software packages, and web survey services. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 10.

ANEXOS**Anexo 1: Questionário****- Questionário Aplicado aos Participantes no Poliempreende -**

1. Este questionário dirige-se a todos os participantes do concurso de empreendedorismo Poliempreende.
2. Neste questionário não há respostas certas ou erradas. O importante é o seu caso específico. Selecione a opção que melhor representa a sua opinião ou situação.
3. Este questionário foi elaborado de modo a ter a maioria das questões de resposta múltipla, para poder ser preenchido o mais rapidamente possível. A experiência mostra que, em média, o mesmo tem sido preenchido em aproximadamente 10 minutos.

Por favor, não deixe de responder a nenhuma questão, porque a sua colaboração é muito importante. Muito obrigado.

A – CARACTERIZAÇÃO DO RESPONDENTE

1. Indique, por favor, a sua idade. _____
2. Indique, por favor, o seu sexo: Masculino Feminino
3. Indique, por favor, a sua área de formação:

Formação de professores/formadores e ciências da educação Artes Humanidades Ciências sociais e do comportamento Informação e jornalismo Ciências empresariais Direito Ciências da vida Ciências físicas Matemática e estatística Informática	Engenharia e técnicas afins Indústrias transformadoras Arquitetura e construção Agricultura, silvicultura e pescas Ciências veterinárias Saúde Serviços sociais Serviços pessoais Serviços de transporte Proteção do ambiente Serviços de segurança Outros
--	---
4. Indique, por favor, como classificaria o seu nível educacional completo mais elevado:

<input type="checkbox"/> Frequência de Licenciatura	<input type="checkbox"/> Licenciatura
<input type="checkbox"/> Frequência de Mestrado	<input type="checkbox"/> Mestrado
<input type="checkbox"/> Pós-Graduação ou Curso de Especialização	<input type="checkbox"/> Doutoramento
5. Qual a sua situação profissional atual
 - Estudante
 - Desempregado
 - Trabalha por conta própria
 - Trabalha por conta de outrem
6. Atualmente, quantos anos de experiência tem:

De trabalho na vida ativa:	____ anos
Na gestão ou coordenação de negócios:	____ anos
Como dono/sócio de empresas:	____ anos
7. Tem ou já teve um negócio próprio? Sim Não
8. Em que ano abriu o seu negócio próprio ou empresa? _____

B – PARTICIPAÇÃO NO POLIEMPREENDE

9. Em que ano participou no concurso Poliempreende? _____
10. Qual a Instituição pela qual participou no concurso Poliempreende?
- | | |
|---|---|
| Instituto Politécnico de Beja | Instituto Politécnico de Viseu |
| Instituto Politécnico de Bragança | Escola Superior de Enfermagem de Coimbra |
| Instituto Politécnico de Castelo Branco | Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril |
| Instituto Politécnico do Cávado e do Ave | Escola Superior Náutica Infante D. Henrique |
| Instituto Politécnico de Coimbra | Escolas Politécnicas da Universidade do Algarve |
| Instituto Politécnico da Guarda | Escolas Politécnicas da Universidade de Aveiro |
| Instituto Politécnico de Leiria | Escolas Politécnicas da Universidade da Madeira |
| Instituto Politécnico de Lisboa | |
| Instituto Politécnico de Portalegre | |
| Instituto Politécnico do Porto | |
| Instituto Politécnico de Santarém | |
| Instituto Politécnico de Setúbal | |
| Instituto Politécnico de Tomar | |
| Instituto Politécnico de Viana do Castelo | |
11. Qual a fase a que o seu projeto chegou no concurso Poliempreende?
- Regional: Ideias de Negócio
- Regional: Planos de Negócio
- Nacional
12. A sua ideia/ projeto foi desenvolvido por quantas pessoas? _____ pessoas
13. Recorrendo à memória que tem da sua participação no Poliempreende, a que percentagem das sessões de capacitação participou? 0%/25%/50%/75%/100%

C – MOTIVAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO

14. As tarefas listadas abaixo referem-se a possíveis etapas que antecedem a criação de um negócio. Indique se fez cada uma das etapas abaixo.

	Sim (já fiz ou já comecei)	Não (não fiz nem comecei)	Não se aplica
Assisti a seminários ou conferências sobre “como começar o seu próprio negócio”.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Particpei em formação/seminários sobre como escrever o seu plano de negócios.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Preparei um plano de negócios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Organizei a equipa para iniciar um negócio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procurei instalações/equipamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Adquiri instalações/equipamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desenvolvi um produto/serviço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conduzi um estudo de mercado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dediquei-me ao negócio a tempo inteiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desenvolvi modelos de negócio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Poupei dinheiro para investir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Investi o meu próprio dinheiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Candidatei-me a financiamento bancário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recebi financiamento bancário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Candidatei-me a financiamento/apoios públicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recebi financiamento público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fiz pedido de patente, modelo de utilidade ou desenho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contratei empregados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desenvolvi atividades de promoção de vendas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formei legalmente a empresa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recebi o primeiro pagamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tive um resultado líquido positivo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

15. Considerando a lista de frases abaixo apresentadas, qual a sua opinião relativamente a cada uma, considerando as respetivas escalas?

	1	2	3	4	5	6	7
1. Para mim, tornar-me empregado por conta própria, seria (1=muito difícil – 7=muito fácil)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Se eu quisesse, eu poderia facilmente perseguir uma carreira por conta própria (1=Discordo totalmente – 7=Concordo totalmente)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Como empregado por conta própria, qual o nível de controlo que teria sobre essa situação? (1=Sem controlo absoluto – 7=Controlo absoluto)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. O número de situações fora do meu controlo, que me podem impedir de ser autónomo são (1=numerosas – 7=muito poucas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se eu me tornar empregado por conta própria, as hipóteses de sucesso serão (1=muito baixas – 7=muito altas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Se eu seguir uma carreira como empregado por conta própria, as hipóteses de falhar serão (1=muito altas- 7=muito baixas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Se pudesse escolher entre ter o meu próprio negócio ou ser empregado de alguém, o que preferia?(1= Ser empregado por conta de outrem; 7= Ter o meu próprio negócio)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Quão provável é seguir uma carreira como empregado por conta própria? (1=não é provável a 7= muito provável)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Quão provável é seguir uma carreira numa organização? (1=não é provável a 7= muito provável)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

D – PERSONALIDADE DO PARTICIPANTE

16. Considerando as minhas características de personalidade, posso dizer que:
(Classifique de 1 a 7, em que 1 é “Não se aplica a mim de todo” e 7 “Aplica-se a mim perfeitamente”)

	1	2	3	4	5	6	7
Sou original, estou sempre a ter novas ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dou valor a experiências artísticas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho uma imaginação muito ativa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Faço um trabalho cuidadoso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Faço muitas coisas e bem feitas (sou eficaz e eficiente).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho tendência a ser proactivo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou comunicativo e falador.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou extrovertido e sociável (gosto de me relacionar com outras pessoas).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosto de ter uma boa conversa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É da minha natureza gostar de perdoar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou atencioso e gentil com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou cuidadoso para com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Preocupo-me muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fico facilmente nervoso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sou relaxado, lido mal com o stress.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se alguém me faz um favor, estou preparado para o retribuir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou capaz de alterar a minha vida, para ajudar alguém que já foi bom para mim antes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou capaz de ter custos pessoais para ajudar alguém que já me ajudou antes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se eu sofrer um mal sério, eu irei vingar-me o mais rapidamente possível, não importa o custo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se alguém me põe numa situação difícil, eu irei fazer-lhe o mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se alguém me ofender, eu também o irei ofender.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

17. Pensando em si próprio, como classifica as seguintes afirmações:

(Classifique de 1 a 7, em que 1 é “totalmente falso” e 5 “Totalmente verdadeiro”)

	1	2	3	4	5	6	7
Eu gosto de arriscar e de me aventurar no desconhecido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estou disposto a investir muito tempo e/ou dinheiro em algo que pode gerar um alto rendimento.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eu tenho tendência para agir de forma destemida em situações que envolvem risco.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eu gosto de experimentar atividades novas e pouco usuais, que não são típicas mas não necessariamente arriscadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em geral, eu prefiro abordagens únicas aos projetos do que usar abordagens já testadas e usadas anteriormente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando estou a aprender novas coisas, eu prefiro tentar da minha própria maneira do que fazer como toda a gente faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou a favor da experimentação e de abordagens originais para resolver os problemas em vez de usar os métodos que os outros utilizam para resolver os seus problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eu costumo agir em antecipação de futuros problemas, necessidades e mudanças.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho tendência para planear os projetos com antecedência.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eu prefiro acelerar e fazer as coisas acontecerem nos projetos, em vez de ficar à espera que alguém o faça.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

E – BENEFÍCIOS DA PARTICIPAÇÃO

18. Indique, por favor, a sua perceção sobre os benefícios decorrentes da sua participação no Poliempreende. (Classifique de 1 a 7, em que: 1= “Nada” e 7= “Totalmente”)

	1	2	3	4	5	6	7
1. Aumentou a minha compreensão das atitudes, valores e motivação dos empreendedores (ou seja, porque é que os empreendedores agem?)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Melhorou a minha compreensão das ações que se têm que fazer para iniciar um negócio (ou seja, o que precisa ser feito?)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Melhorou as minhas competências práticas de gestão para iniciar um negócio (ou seja, como iniciar o negócio?)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Melhorou a minha capacidade para desenvolver <i>networks</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Melhorou a minha capacidade para identificar uma oportunidade (ou seja, quando é que necessito de agir?)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

19. Lembra-se de algum evento em particular durante o concurso que mudou drasticamente o teu "coração e mente" e te fez considerar ser um empreendedor? Sim Não

20. Até que ponto os seguintes eventos o fizeram pensar em seguir uma carreira empreendedora? (Classifique de 1 a 7, em que: 1= “Nada” e 7= “Totalmente”)

	1	2	3	4	5	6	7
a) Visão/opiniões de professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Visão/opiniões de <i>speakers</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Visão/opiniões de empreendedores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Visão/opiniões de colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Preparação do plano de negócios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Visão/opiniões de júris da competição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

21. Até que ponto é que ao longo do concurso Poliemprende utilizou os recursos apresentados abaixo? (Classifique de 1 a 7, em que: 1= "Nada" e 7= "Totalmente")

	1	2	3	4	5	6	7
1. Um grupo de colegas de espírito empreendedor para construir uma equipa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Acesso à tecnologia/conhecimento da instituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Conselhos dos professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Conselhos de colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Conselhos do gabinete de transferência de tecnologia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Acesso a recursos de pesquisa (biblioteca/web)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Eventos de <i>networking</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Espaço físico para encontros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Competição de planos de negócio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Financiamento da instituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Contacto com investidores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

22. Em que medida é que a participação no Poliemprende contribuiu para o desenvolvimento da sua capacidade para... (Classifique de 1 a 7, em que 1= "discordo totalmente" e 7= "concordo totalmente")

	1	2	3	4	5	6	7
Pesquisa/Criatividade							
Identificar novas formas de combinar recursos para atingir objetivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participar em sessões de <i>brainstorming</i> para desenvolver novas ideias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pensar fora da caixa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Identificar oportunidades para novas formas de realizar atividades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Identificar formas criativas de ter as tarefas feitas de novas formas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Planeamento/gestão							
Gerir o tempo através do estabelecimento de objetivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reduzir o risco e a incerteza nos projetos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conduzir análises das situações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lidar eficazmente com os problemas do dia-a-dia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desenhar um plano de projeto efetivo para atingir objetivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Organização							
Juntar o grupo/equipa certo para resolver um problema específico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formar parcerias para atingir objetivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Identificar potenciais fontes de recursos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Networking (fazer contactos e trocar informação com outros)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer com que os outros se identifiquem e acreditem nas minhas visões e planos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Explicar de forma clara e concisa, verbalmente ou por escrito, as minhas ideias em termos quotidianos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agir proativamente e aplicar o seu conhecimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ambiguidade							
Improvisar quando não se sabe qual a melhor ação/decisão numa situação problemática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tolerar mudanças inesperadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Persistir face a contratempos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aprender com os erros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gerir a incerteza em projetos e processos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ser flexível em situações complicadas quando ambos os meios e objetivos são difíceis de definir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhar de forma produtiva em condições contínuas de stress, pressão e conflito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tomar decisões em situações de incerteza, quando os resultados são difíceis de prever	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Conhecimentos Financeiros							
Ler e interpretar demonstrações financeiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Realizar análises financeiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Controlar os custos de projetos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estimar um orçamento para um novo projeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

23. Qual a importância dos componentes do concurso Poliempreende listados abaixo. (Classifique de 1 a 7, em que: 1="nada importante"; 7="muito importante")

	1	2	3	4	5	6	7
a) Acesso a mentores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Oportunidade de ganhar prêmios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Oportunidade de ganhar reconhecimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) <i>Workshops/oficinas de capacitação</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Conselhos e <i>feedback</i> dos júris	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Acesso a eventos de <i>networking</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Acesso a eventos de <i>team-building</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Conversa com empreendedores/empresários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Desafios (Ex: Empreendedor por 1 dia)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) Trabalhar em equipa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
k) Acesso a potenciais investidores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
l) Acesso a redes de inovação/parceiros do ecossistema empreendedor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
m) Atividades no âmbito da Semana do Empreendedorismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Muito obrigado pela sua participação!!

Anexo 2: Convite de Participação no Questionário

Assunto: Convite de Participação num Estudo aos Benefícios de Participação no Concurso Poliemprende

Caro(a) Sr(a). Participante do Poliemprende,

Venho por este meio solicitar a sua participação num estudo nacional com a colaboração entre o ISEG (Universidade de Lisboa) e o Instituto Politécnico de Coimbra, no âmbito da dissertação do Mestrado em Economia e Gestão da Ciência, Tecnologia e Inovação no ISEG.

Este trabalho tem como objetivos identificar e avaliar os benefícios percebidos pelos participantes de concursos de empreendedorismo, utilizando como exemplo o Poliemprende. O seu resultado poderá servir para melhorar a atual estrutura e organização dos concursos de empreendedorismo em Portugal.

O sucesso deste projeto passa, em grande medida, pela obtenção do maior número de respostas por parte dos participantes. Deste modo, solicitamos que possa preencher um questionário online, em que a quase totalidade das questões é de resposta múltipla, e que lhe ocupará aproximadamente 10 minutos.

Por favor clique no seguinte endereço e será encaminhado para o inquérito:{SURVEYURL}

As respostas são estritamente confidenciais e os dados apenas serão utilizados de forma conjunta para fins académicos.

Agradecendo desde já a sua cooperação e o seu tempo,

Com os meus melhores cumprimentos,

Sara Sirgado

(Coordenadora Nacional do Estudo/ Estudante de Mestrado/ ISEG - Universidade de Lisboa).

Se existir qualquer questão no preenchimento do questionário, por favor não hesite em contactar-me:
Sara Sirgado (sirgado.sara@gmail.com)

Anexo 3: Primeiro Follow-up do Questionário

Assunto: Primeiro Lembrete para Participação num Estudo aos Benefícios de Participação no Concurso Poliemprende

Caro(a) Sr(a). Participante do Poliemprende,

Há uma semana, foi-lhe enviado um mail com o pedido de participação no Estudo aos Benefícios de Participação no Concurso Poliemprende através da resposta a um questionário. Este estudo está a ser elaborado com a colaboração entre o ISEG (Universidade de Lisboa) e o Instituto Politécnico de Coimbra, no âmbito da dissertação do Mestrado em Economia e Gestão da Ciência, Tecnologia e Inovação no ISEG.

Este trabalho tem como objetivos identificar e avaliar os benefícios percebidos pelos participantes de concursos de empreendedorismo, utilizando como exemplo o Poliemprende. O seu resultado poderá servir para melhorar a atual estrutura e organização dos concursos de empreendedorismo em Portugal.

O sucesso deste projeto passa, em grande medida, pela obtenção do maior número de respostas por parte dos participantes. Deste modo, solicitamos que possa preencher um questionário online, em que a quase totalidade das questões é de resposta múltipla, e que lhe ocupará aproximadamente 10 minutos.

Por favor clique no seguinte endereço e será encaminhado para o inquérito:{SURVEYURL}

As respostas são estritamente confidenciais e os dados apenas serão utilizados de forma conjunta para fins académicos.

Agradecendo desde já a sua cooperação e o seu tempo,

Com os meus melhores cumprimentos,

Sara Sirgado

(Coordenadora Nacional do Estudo/ Estudante de Mestrado/ ISEG - Universidade de Lisboa).

Se existir qualquer questão no preenchimento do questionário, por favor não hesite em contactar-me:
Sara Sirgado (sirgado.sara@gmail.com)

Anexo 4: Segundo Follow-up do Questionário

Assunto: Segundo Lembrete para Participação num Estudo aos Benefícios de Participação no Concurso Poliempreende

Caro(a) Sr(a). Participante do Poliempreende,

Há cerca de duas semanas, foi-lhe enviado um mail com o pedido de participação no Estudo aos Benefícios de Participação no Concurso Poliempreende através da resposta a um questionário. Este estudo está a ser elaborado com a colaboração entre o ISEG (Universidade de Lisboa) e o Instituto Politécnico de Coimbra, no âmbito da dissertação do Mestrado em Economia e Gestão da Ciência, Tecnologia e Inovação no ISEG. Este trabalho tem como objetivos identificar e avaliar os benefícios percebidos pelos participantes de concursos de empreendedorismo, utilizando como exemplo o Poliempreende. O seu resultado poderá servir para melhorar a atual estrutura e organização dos concursos de empreendedorismo em Portugal. O sucesso deste projeto passa, em grande medida, pela obtenção do maior número de respostas por parte dos participantes. Deste modo, solicitamos que possa preencher um questionário online, em que a quase totalidade das questões é de resposta múltipla, e que lhe ocupará aproximadamente 10 minutos.

Por favor clique no seguinte endereço e será encaminhado para o inquérito: {SURVEYURL}

As respostas são estritamente confidenciais e os dados apenas serão utilizados de forma conjunta para fins académicos.

Agradecendo desde já a sua cooperação e o seu tempo,
Com os meus melhores cumprimentos,
Sara Sirgado

(Coordenadora Nacional do Estudo/ Estudante de Mestrado/ ISEG - Universidade de Lisboa).

Se existir qualquer questão no preenchimento do questionário, por favor não hesite em contactar-me:
Sara Sirgado (sirgado.sara@gmail.com)

Anexo 5: Último Pedido para preenchimento do Questionário

Assunto: Último Pedido para Participação num Estudo aos Benefícios de Participação no Concurso Poliempreende

Caro(a) Ex-participante do Poliempreende,

Há cerca de três semanas, foi-lhe enviado um mail com o pedido de participação no Estudo aos Benefícios de Participação no Concurso Poliempreende através da resposta a um questionário. **Estamos a reforçar o pedido porque o sucesso deste projeto passa, em grande medida, pela obtenção do número de respostas que seja representativo dos participantes.** Deste modo, solicitamos novamente para que possa disponibilizar aproximadamente 10 minutos para preencher um questionário online, em que a quase totalidade das questões é de resposta múltipla.

Este estudo está a ser elaborado em colaboração entre o ISEG (Universidade de Lisboa) e o Instituto Politécnico de Coimbra, no âmbito do qual está a ser elaborada uma dissertação do Mestrado em Economia e Gestão da Ciência, Tecnologia e Inovação no ISEG. O objetivo principal deste estudo é identificar e avaliar os benefícios percebidos pelos participantes de concursos de empreendedorismo, utilizando como exemplo o Poliempreende. O seu resultado poderá servir para melhorar a atual estrutura e organização dos concursos de empreendedorismo em Portugal.

Por favor clique no seguinte endereço e será encaminhado para o inquérito: {SURVEYURL}

As respostas são **estritamente confidenciais** e os dados apenas serão utilizados de **forma conjunta** para fins académicos.

Agradecendo desde já a sua cooperação e o seu tempo,
Com os meus melhores cumprimentos,
Sara Sirgado

(Coordenadora Nacional do Estudo/ Estudante de Mestrado/ ISEG - Universidade de Lisboa).

Se existir qualquer questão no preenchimento do questionário, por favor não hesite em contactar-me:
Sara Sirgado (sirgado.sara@gmail.com)

Anexo 6: Tabela V - Validade Convergente

<i>Medida</i>	<i>Número final de itens</i>	<i>Loadings</i>	<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Composite Reliability</i>	<i>Average Variance Extracted</i>
Orientação Empreendedora Individual	10	0.676~0.843	0.833	0.856	0.669
Componentes do concurso	13	0.600~0.907	0.789	0.960	0.649
Competências Empreendedoras	29	0.801~0.986	0.725	0.964	0.845
Aumento do Conhecimento	5	0.825~0.913	0.754	0.939	0.755
Aumento da Inspiração	7	0.686~0.888	0.752	0.888	0.571
Acesso a Recursos	5	0.617~0.762	0.804	0.842	0.517

Anexo 7: Tabela VI – Loadings dos itens

<i>Itens</i>	<i>Descrição</i>	<i>Standardized Factor Loadings Final</i>	<i>T-values</i>
Orientação Empreendedora Individual: Pensando em si próprio, como classifica as seguintes afirmações... (CR=0.856 ;AVE=0.669)			
Propensão ao risco			
C3_a	Eu gosto de arriscar e de me aventurar no desconhecido	0,839	*
C3_b	Estou disposto a investir muito tempo e/ou dinheiro em algo que pode gerar um alto rendimento.	0,676	12.051
C3_c	Eu tenho tendência para agir de forma destemida em situações que envolvem risco.	0,816	14.360
Inovação			
C3_d	Eu gosto de experimentar atividades novas e pouco usuais, que não são típicas, mas não necessariamente arriscadas	0.684	*
C3_e	Em geral, eu prefiro abordagens únicas aos projetos do que usar abordagens já testadas e usadas anteriormente	0.710	11.156
C3_f	Quando estou a aprender novas coisas, eu prefiro tentar da minha própria maneira do que fazer como toda a gente faz.	0.791	12.216
C3_g	Sou a favor da experimentação e de abordagens originais para resolver os problemas em vez de usar os métodos que os outros utilizam para resolver os seus problemas.	0.811	12.449
Pro-atividade			
C3_h	Eu costumo agir em antecipação de futuros problemas, necessidades e mudanças.	0,843	*
C3_i	Tenho tendência para planear os projetos com antecedência.	0,713	12.658
C3_j	Eu prefiro acelerar e fazer as coisas acontecerem nos projetos, em vez de ficar à espera que alguém o faça.	0,745	13.221
Importância dos componentes: Qual a importância dos componentes do concurso Poliempreende listados abaixo ... (CR=0.960 ;AVE=0.649)			
D6_a	Acesso a mentores	0.812	17.863
D6_b	Oportunidade de ganhar prémios	0.600	11.724
D6_c	Oportunidade de ganhar reconhecimentos	0.724	15.044
D6_d	Workshops/oficinas de capacitação	0.788	17.062
D6_e	Conselhos e feedback dos júris	0.796	17.313
D6_f	Acesso a eventos de networking	0.842	18.951
D6_g	Acesso a eventos de team-building	0.820	18.161
D6_h	Conversa com empreendedores/empresários	0.887	20.719
D6_i	Desafios (Ex: Empreendedor por 1 dia)	0.788	17.055

<i>D6_j</i>	Trabalhar em equipa	0.775	16.619
<i>D6_k</i>	Acesso a potenciais investidores	0.852	19.338
<i>D6_l</i>	Acesso a redes de inovação/parceiros do ecossistema empreendedor	0.907	21.590
<i>D6_m</i>	Atividades no âmbito da Semana do Empreendedorismo	0.836	*
Competências empreendedoras: Em que medida é que a participação no Poliemprende contribuiu para o desenvolvimento da sua capacidade para... (CR=0.964;AVE=0.845)			
Pesquisa/Criatividade			
<i>D5_a</i>	Identificar novas formas de combinar recursos para atingir objetivos	0.888	25.639
<i>D5_b</i>	Participar em sessões de brainstorming para desenvolver novas ideias	0.834	21.931
<i>D5_c</i>	Pensar fora da caixa	0.918	28.150
<i>D5_d</i>	Identificar oportunidades para novas formas de realizar atividades	0.938	30.164
<i>D5_e</i>	Identificar formas criativas de ter as tarefas feitas de novas formas	0.916	*
Planeamento/gestão			
<i>D5_f</i>	Gerir o tempo através do estabelecimento de objetivos	0.899	24.993
<i>D5_g</i>	Reduzir o risco e a incerteza nos projetos	0.913	26.061
<i>D5_h</i>	Conduzir análises das situações	0.907	25.568
<i>D5_i</i>	Lidar eficazmente com os problemas do dia-a-dia	0.868	23.003
<i>D5_j</i>	Desenhar um plano de projeto efetivo para atingir objetivos	0.895	*
Organização			
<i>D5_k</i>	Juntar o grupo/equipa certo para resolver um problema específico	0.801	18.955
<i>D5_l</i>	Formar parcerias para atingir objetivos	0.851	21.307
<i>D5_m</i>	Identificar potenciais fontes de recursos	0.912	24.827
<i>D5_n</i>	Networking (fazer contactos e trocar informação com outros)	0.835	20.503
<i>D5_o</i>	Fazer com que os outros se identifiquem e acreditem nas minhas visões e planos	0.887	23.313
<i>D5_p</i>	Explicar de forma clara e concisa, verbalmente ou por escrito, as minhas ideias em termos quotidianos	0.843	20.904
<i>D5_q</i>	Agir proativamente e aplicar o seu conhecimento	0.881	*
Ambiguidade			
<i>D5_r</i>	Improvisar quando não se sabe qual a melhor ação/decisão numa situação problemática	0.842	21.054
<i>D5_s</i>	Tolerar mudanças inesperadas	0.884	23.377
<i>D5_t</i>	Persistir face a contratempos	0.891	23.787
<i>D5_u</i>	Aprender com os erros	0.986	24.093
<i>D5_v</i>	Gerir a incerteza em projetos e processos	0.928	26.285
<i>D5_w</i>	Ser flexível em situações complicadas quando ambos os meios e objetivos são difíceis de definir	0.936	26.851
<i>D5_x</i>	Trabalhar de forma produtiva em condições contínuas de stress, pressão e conflito	0.884	*
<i>D5_y</i>	Tomar decisões em situações de incerteza, quando os resultados são difíceis de prever	0.903	36.072
Conhecimento Financeiros			
<i>D5_z</i>	Ler e interpretar demonstrações financeiras	0.959	33.018
<i>D5_aa</i>	Realizar análises financeiras	0.963	33.482
<i>D5_ab</i>	Controlar os custos de projetos	0.935	30.205
<i>D5_ac</i>	Estimar um orçamento para um novo projeto	0.917	*

Aumento de conhecimento: Indique, por favor, a sua perceção sobre os benefícios decorrentes da sua participação no Poliempreende. .. (CR=0.939;AVE=0.755)			
D1_a	Aumentou a minha compreensão das atitudes, valores e motivação dos empreendedores (ou seja, porque é que os empreendedores agem?)	0.825	18.607
D1_b	Melhorou a minha compreensão das ações que se têm que fazer para iniciar um negócio (ou seja, o que precisa ser feito?)	0.872	20.490
D1_c	Melhorou as minhas competências práticas de gestão para iniciar um negócio (ou seja, como iniciar o negócio?)	0.913	22.543
D1_d	Melhorou a minha capacidade para desenvolver networks	0.867	23.480
D1_e	Melhorou a minha capacidade para identificar uma oportunidade (ou seja, quando é que necessito de agir?)	0.864	*
Aumento de Inspiração: Até que ponto os seguintes eventos o fizeram pensar em seguir uma carreira empreendedora? (CR=0.888;AVE=0.571)			
D3_a	Visão/opiniões de professores	0.696	11.380
D3_b	Visão/opiniões de speakers	0.825	13.263
D3_c	Visão/opiniões de empreendedores	0.888	14.090
D3_d	Visão/opiniões de colegas	0.692	11.318
D3_e	Preparação do plano de negócios	0.722	11.779
D3_f	Visão/opiniões de júris da competição	0.686	*
Acesso a recursos: Até que ponto é que ao longo do concurso Poliempreende utilizou os recursos apresentados abaixo? (CR=0.842;AVE=0.517)			
D4_a	Um grupo de colegas de espírito empreendedor para construir uma equipa *		
D4_b	Acesso à tecnologia/conhecimento da instituição *		
D4_c	Conselhos dos professores *		
D4_d	Conselhos de colegas *		
D4_e	Conselhos do gabinete de transferência de tecnologia	0.762	11.385
D4_f	Acesso a recursos de pesquisa (biblioteca/web) *		
D4_g	Eventos de networking	0.754	11.293
D4_h	Espaço físico para encontros *		
D4_i	Competição de planos de negócio	0.617	10.351
D4_j	Financiamento da instituição	0.727	10.969
D4_k	Contacto com investidores	0.671	*

Anexo 8: Tabela VII - Validade Discriminante

	CpE	OEI	AC	AI	AR	Comp_Conc	Fase_Conc	EN
CpE	0,919							
OEI	0,285	0,818						
AC	0,741	0,276	0,869					
AI	0,634	0,233	0,592	0,755				
AR	0,555	0,105	0,365	0,527	0,719			
Comp_Conc	0,559	0,158	0,520	0,496	0,248	0,806		
Fase_Conc	0,208	0,177	0,23	0,222	0,252	0,214	-	
EN	0,125	0,339	0,13	0,19	0,18	0,096	0,289	-